

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

CAMPUS DE LARANJEIRAS

DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA- DARQ

WENDSON NASCIMENTO BARBOSA

**A ARQUEOLOGIA PÚBLICA: A MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DO PASSADO DO
SÍTIO RUÍNAS DO TEATRO SÃO PEDRO, LARANJEIRAS, SERGIPE**

LARANJEIRAS

2014

WENDSON NASCIMENTO BARBOSA

**A ARQUEOLOGIA PÚBLICA: A MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DO PASSADO DO
SÍTIO RUÍNAS DO TEATRO SÃO PEDRO, LARANJEIRAS, SERGIPE**

Monografia apresentada ao curso
de Bacharelado em Arqueologia
como requisito parcial à obtenção
do grau de bacharel em
Arqueologia.

ORIENTADORA: Dra. MÁRCIA BARBOSA GUIMARÃES DA COSTA

LARANJEIRAS

2014

WENDSON NASCIMENTO BARBOSA

**A ARQUEOLOGIA PÚBLICA: A MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DO PASSADO DO
SÍTIO RUÍNAS DO TEATRO SÃO PEDRO, LARANJEIRAS, SERGIPE**

Monografia apresentada ao curso
de Bacharelado em Arqueologia
como requisito parcial à obtenção
do grau de bacharel em
Arqueologia.

Aprovação ____ de ____ de 20 ____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Márcia Barbosa Guimarães da Costa DARQ/ UFS

Prof. Dr. Jenilton Ferreira Santos DARQ/ UFS

Profa. Dra. Karina Pinto de Miranda DARQ/ UFS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus o criador por me conceder saúde e sabedoria.

Aos meus familiares, em especial aos meus pais, Maria Celis Almeida do Nascimento, Adeilton Barreto Barbosa, que sempre me apoiaram nessa caminhada.

Aos meus irmãos Wesley, Wesland, Wallas, que me inspiraram para chegar a esse objetivo.

À minha namorada Gisleide, por compartilhar os momentos alegres e sempre me apoiando nos momentos difíceis.

Aos professores, que contribuíram para a minha formação acadêmica.

À minha professora orientadora Márcia Barbosa Guimarães da Costa, por sua dedicação e paciência, nas orientações.

Aos meus colegas e amigos Francisco dos Santos, Felipe Calazans, Átala Silva, Edenilza Lina, Felipe do Nascimento, Marcel Raely, Esaú Alcântara, Raimunda Rocha, Thaysa Mirths, Layra Blenda, amizades inesquecíveis.

À comunidade laranjeirense, por ter me acolhido muito bem em sua Cidade.

RESUMO

Neste trabalho busquei o entendimento do processo de ressignificação e reapropriação do patrimônio arqueológico, histórico e cultural existente em Laranjeiras, tendo por base o estudo de caso sobre o sítio Ruínas do Teatro São Pedro, caracterizado como parte integrante da paisagem cultural de Laranjeiras, no século XIX. Para este estudo apliquei vários conceitos da Arqueologia Pública, dentre eles a multivocalidade, bem como da Memória social este relacionado à Teoria Social. Dessa forma, fazendo a inserção da comunidade laranjeirense, na formação do conhecimento arqueológico, envolvendo-a nos processos de valorização e preservação deste patrimônio, busquei caracterizar o sítio como componente da memória. Assim, a narrativa oral foi o instrumento metodológico utilizado para o entendimento da história da edificação. Como resultado foi possível perceber o valor da tradição oral como fonte importante para o conhecimento sobre o patrimônio arqueológico e histórico de Laranjeiras, bem como o papel fundamental desempenhado pela multivocalidade quando da realização de pesquisa arqueológica.

Palavras-chave: Arqueologia Pública. Memória. Multivocalidade.

ABSTRACT

In this study sought to understand the re-appropriation and reinterpretation of the archaeological, historical and cultural heritage existing in Laranjeiras process, based on the case study on the Sítio Ruínas of Teatro São Pedro, featured as part of the Laranjeiras cultural landscape, in the 19th century. For this study applied various concepts of Public Archaeology, including multivocality and Social Memory, it is related to Social Theory. Thus, making the insertion of laranjeirense community in the formation of archaeological knowledge, involving them in the processes of recovery and preservation of this heritage, I sought to characterize the site as the memory component. This way, the oral narrative was the methodological tool used for understanding the history of the building. As a result, it was possible to realize the value of oral tradition as important to the understanding of the archaeological and historical heritage of Laranjeiras source as well as the fundamental role of multivocality when conducting archaeological research.

Keywords: Public Archaeology. Memory. Multivocality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1- REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITUAL.....	11
1 Pós- Processualismo.....	11
2 Arqueologia Pública.....	12
3 Narrativa.....	15
4 História Oral/ Memória.....	17
5 Cultura Material.....	20
6 Patrimônio.....	24
CAPÍTULO 2- A CIDADE DE LARANJEIRAS E SEU PATRIMÔNIO HISTÓRICO-ARQUITETÔNICO.....	27
2.1 Breve história de Laranjeiras.....	27
2.2 Paisagem Urbana e o Patrimônio arquitetônico de Laranjeiras.....	29
2.3 Sítio Ruínas do Teatro de Laranjeiras.....	42
2.4 A Metodologia da Pesquisa.....	45
CAPÍTULO 3- ERA UMA VEZ UM TEATRO.....	48
3.1 Dados Históricos e Iconográficos.....	48
3.2 As Entrevistas.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59
APENDICE- QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA.....	64

INTRODUÇÃO

As pesquisas arqueológicas voltadas para o caráter público estão se consolidando desde o surgimento da então chamada Arqueologia Pública. Essa, por sua vez, busca estreitar as relações da Arqueologia com a sociedade seja de forma micro ou macro. Dessa forma são desenvolvidos trabalhos que inserem as pessoas como agente produtor do conhecimento arqueológico.

Tendo a memória como ferramenta muito importante para formação da identidade social, e que pode ser construída a partir de discursos multivocais, o estudo da Arqueologia Pública apresenta-se como um campo subjetivista das práticas arqueológicas pós-processualistas. Neste sentido, a Arqueologia Pública não compreende o estudo da Arqueologia como uma prática arqueológica no que tange à verdade absoluta. Ao contrário, a Arqueologia Pública entende que as pesquisas arqueológicas podem ter múltiplas interpretações na produção do conhecimento, muitas vezes tornando-se polifonia harmônica e democrática. Assim considerando, as narrativas tiveram um papel muito importante no desenvolvimento desta pesquisa, a partir da utilização das diversas vozes para a construção do passado.

Essa é um tipo de Arqueologia que também está interessada no público considerado excluído, ou seja, dos menos favorecidos, e que nos últimos anos, por meio da Arqueologia Pública passaram a ser representados. Por isso retrata a história desses grupos, através de suas narrativas adquiridas no cotidiano que se perpetuam em suas memórias. Assim sendo, as pesquisas arqueológicas realizadas dentro das políticas de estudos da Arqueologia Pública faz dela uma Arqueologia mais democrática.

Contudo, quero destacar que esta pesquisa foi realizada sobre um patrimônio histórico, caracterizado como paisagem urbana na dinâmica social que envolve a cidade de Laranjeiras. Cumpre observar que o patrimônio arquitetônico da cidade, nos últimos anos, tem sido objeto de projetos de restauro, a partir do programa Monumenta e do PAC para cidades históricas, este desenvolvido pelo Governo Federal e parcerias, dando novos olhares para cidade e nova funcionalidade para os prédios. Devo observar que tais programas e projetos têm sido criticados pela comunidade de pesquisadores ligados à Arqueologia e à Arquitetura, dentre outros pela exclusão da comunidade. Os processos de restauros eles excluem não somente a

comunidade do processo exclui como agente histórico mesmo. Como foi o caso do sobrado do IPHAN, que se negou a associar o sobrado do XIX em São Cristóvão a história de uma mulher separada. E mesmo as pesquisas tradicionais de levantamento histórico Arqueológico são deixadas em segundo plano.

Visando dar início a um processo mais público e democrático no que tange às pesquisas arqueológicas efetuadas junto ao patrimônio histórico e cultural de Laranjeiras, desenvolvemos esta pesquisa objetivando demonstrar a importância da participação da comunidade laranjeirense para a compreensão do patrimônio material existente, embora saiba que este representa apenas uma pequena parcela da população, ligada à elite oligárquica que habitou a cidade no século XIX.

A partir do que foi apresentado, esta pesquisa tem como proposta buscar compreender, por meio da memória, o processo de ressignificação das Ruínas do Teatro São Pedro, localizado na Rua Pereira Lobo, na Cidade de Laranjeiras. Para tanto me apoiei na bibliografia existente e nas narrativas orais (apreendidas a partir de entrevistas), visando perceber o processo de construção da funcionalidade deste prédio, notadamente no que se relaciona a ideia de teatro.

Assim, esta monografia se constitui em três capítulos.

O primeiro capítulo trata do referencial teórico e conceitual, abordando o pós-processualismo, a Arqueologia Pública, narrativa, História oral e memória, cultura material e patrimônio. Todos esses foram apresentados desde suas epistemologias, até suas problemáticas e as abordagens realizadas nos últimos anos.

Já no segundo capítulo apresento a cidade de Laranjeiras no século XIX considerado o século do apogeu da cidade. Também apresento a paisagem urbanística de Laranjeiras, tomando como base o processo de urbanização de acordo com as construções que foram realizadas nesse mesmo século; o patrimônio cultural da cidade, tendo como referências os projetos de restauros voltados ao patrimônio arquitetônico; a historiografia do sítio Ruínas do Teatro São Pedro inserida no século XIX, local que passou por processo de intervenção arqueológica; e por fim, a metodologia de pesquisa para a aplicação das entrevistas, na qual a multivocalidade foi o suporte da memória construída em torno do sítio Ruínas do Teatro São Pedro.

No terceiro capítulo apresento os resultados a partir da análise das pesquisas iconográficas e documental a respeito desse prédio, bem como das entrevistas realizadas com os moradores laranjeirenses.

Por fim, temos as considerações finais, no qual demonstro os objetivos alcançados a partir da Arqueologia Pública aplicada ao sítio Ruínas do Teatro São Pedro como espaço de memória da população de Laranjeiras.

CAPÍTULO 1 - REFERÊNCIAL TEÓRICO E CONCEITUAL

1. Pós-Processualismo

A Arqueologia nos últimos anos tem apresentado um discurso de bastante desenvolvimento; ressaltando a década de 1980 e o contexto do Reino Unido, onde novas formas de interpretação da cultura material tomaram corpo, o que tornou a Arqueologia mais crítica em relação às abordagens praticadas pelas correntes Histórico-Culturalista e Processualista. Assim, em oposição a estas surge o que se passou a denominar de corrente Pós-Processualista, também conhecida como Arqueologia Pós-Moderna. Esta corrente tem como foco central a compreensão do papel ativo da cultura material e a possibilidade de percebê-la como um discurso textual construído a partir de uma grande diversidade de significados atribuídos, percebidos e construídos no presente em relação ao passado. Devemos frisar, entretanto, que a corrente Pós-processualista envolve várias abordagens teóricas. Contudo, muitos a traduzem por sinônimo da Arqueologia Contextual ou Interpretativa (JOHNSON, 2000; HODDER, 1995).

A Arqueologia Pós-Processualista é considerada crítica, pois apresenta temas de estudos relacionados ao gênero, classe e etnicidade, dentre outros, mostrando sua diversidade em estabelecer meandros nas teorias sociais contemporâneas. Assim considerando, o a Arqueologia não era mais considerada um campo objetivo, positivista e materialista, ou seja, a materialidade não era mais determinante; esta, que por sua vez, passa a possuir diversas formas de interpretação, reforçando o caráter subjetivo do pós-processualismo. Inclusive nesse subjetivismo, o mundo material possui diversidade de significados culturais. A Arqueologia agora podia transcender ir mais além das homogeneizações impostas pelas correntes positivistas (SYMANSKI e GOMES, 2013).

Como um campo subjetivo, abriu novos horizontes para o saber arqueológico, que segundo Robrahn-Gonzalez (1999, 2000) enveredava uma “visão mais relativista do passado, cujo este é socialmente construído pelo o simples fato de que é o arqueólogo que o constrói a partir do presente”.

Considero bastante plausível tal afirmação, pois as sociedades possuem relações variadas, em diferentes contextos. Desta forma apresentam uma dinâmica social. Portanto, o

Pós-Processualismo preocupa-se em entender toda a dialética dessas dinamicidades em suas especificidades (GHENO E MACHADO, 2013).

Nesse contexto, a cultura material seria formadora de discurso para a constituição de identidades. Em sua essência o estudo da Arqueologia Pós-Processual tramita em cinco esferas: a) das ações do “indivíduo” e da sociedade; b) do sentido através da estrutura; c) de contexto histórico, considerando tempo e espaço; e) do simbolismo por regras e linguagens e do vínculo entre o passado e presente (KARLA, 2013).

De acordo com Silva (2011), esse novo paradigma não teria como interesse a verdade absoluta. Os seus estudos abririam possibilidades para novas perspectivas dos objetos abordados, no entanto estariam susceptíveis as revisões e interpretações diversas.

O Pós-Processualismo também salienta a importância da divulgação das pesquisas arqueológicas no âmbito acadêmico, para a divulgação de uma Arqueologia mais engajada com o público em geral (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 2006). Portanto, a Arqueologia Pós-Processual vai contemplar o surgimento de uma Arqueologia voltada para o viés da Arqueologia Pública.

2. Arqueologia Pública

A Arqueologia Pública é voltada para a transmissão do conhecimento adquirido nas pesquisas arqueológicas, tendo como proposta interagir com o público, criando relações entre o meio acadêmico e a comunidade. Em sua epistemologia é uma expressão de origem inglesa considerada por Funari e Robrahn-González (2006) como: "Arqueologia voltada para o povo". De acordo com Carvalho e Funari (2009), a Arqueologia Pública está mais voltada para o interesse público em geral com diversas vertentes teóricas e práticas que compreendem esse campo.

Destaco os processos que a Arqueologia Pública passou desde sua origem e seu respaldo no contexto Norte Americano, que tornou suas abordagens mais abrangentes. De acordo com Silva (2011), antes do início dos anos de 1980, as pesquisas norte americanas, no âmbito da Arqueologia Pública, estavam voltadas para o caráter preservacionista e de responsabilidade do estado. O próprio governo utilizou-se dessa ideologia, tornando-se assim protetor do patrimônio cultural para representar os interesses gerais das populações. Contudo, em suas interações multidisciplinares, a Arqueologia passou a se envolver com outras disciplinas. Segundo Fernandes (2007) este tipo de abordagem da Arqueologia Pública fez com que houvesse uma interação no âmbito educacional, museológico e de comunicação

social. Esta forma interdisciplinar na qual trabalha a Arqueologia Pública é muito democrática, mormente em suas formas de interações com os diversos públicos.

Segundo Carvalho e Funari (2007), as discussões que envolviam a participação da sociedade já estavam sendo refletidas desde a década de 1960, pela Museologia. Na Arqueologia não foi diferente, pois desde a década de 1970, dentro das teorias pós-processualista e marxista, havia surgido o processo de reflexão para criação da Arqueologia Pública. De acordo com os mesmos autores, o conceito de Arqueologia Pública, em âmbito internacional, apresentava problemas, haja vista que para a maioria dos arqueólogos, que não defendiam a Arqueologia Pública, a própria Arqueologia, em sua essência, já era de caráter público. Devido a esta problemática as maiores discussões entre os arqueólogos giram em torno do estabelecimento do que é ou não é público.

De acordo com Sánchez (2011), a Arqueologia Pública do Continente Americano se preocupa muito mais com as questões locais, que envolvem o patrimônio e a comunidade, onde muitas das pesquisas realizadas estão relacionadas às comunidades indígenas. Para o mesmo autor, a Arqueologia Pública é uma ferramenta que pode dialogar com vários conceitos baseados na política de identidade e territorialidade.

Na América Latina uma das preocupações da Arqueologia Pública se refere aos direitos humanos, particularmente voltados às populações indígenas, pois pode propor medidas de reparação dos seus sítios e de seu patrimônio material. Esses estudos indígenas sob o viés da Arqueologia Pública são importantes, haja vista que historicamente muitos indígenas foram dizimados pelos colonizadores europeus e, ainda hoje, seus descendentes são excluídos (FUNARI, 2002).

Partindo para o contexto brasileiro, o interesse na preservação do patrimônio arqueológico surgiu na década de 1920, período no qual foi proposta a nacionalização do patrimônio cultural que significou inclusive a nacionalização das propriedades privadas, iniciativa da Sociedade Brasileira de Belas Artes e do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Contudo, tal proposta acabou por não ser aceita, pois ia contra os interesses políticos da época. A partir de 1935, a preocupação estava na divulgação de programas educacionais voltados ao patrimônio. Neste momento, o arqueólogo Raimundo Lopes publicou estudos sobre patrimônio cultural e sobre a necessidade da divulgação dos sítios arqueológicos através de programas educacionais (CARVALHO e FUNARI, 2009).

Somente na década de 1960 que arqueólogos pré-historiadores, como Paulo Duarte, criaram uma comissão elaborando a lei de n. 3.924/61 com o objetivo de definir e salvaguardar o patrimônio arqueológico brasileiro. A responsabilidade da preservação do patrimônio arqueológico era do poder público, o órgão que permitia as escavações seria a União e a liberação das licenças ficaria por parte da diretoria do SPHAN. Mas esta lei ainda não incluía o programa de educação do patrimônio e das divulgações relacionadas às ações educativas (CARVALHO e FUNARI, 2007).

A partir da segunda metade da década de 1980, a Arqueologia Pública tem sua consolidação, com seus estudos abrangendo a preservação do patrimônio e sua divulgação. No final dessa década foi criado o Museu de Arqueologia e Etnologia MAE/USP, voltado para essas práticas. Nessa mesma década foi criado o Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE), um órgão complementar da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), tendo em suas práticas estudos voltados à interdisciplinaridade. O NEE desde o início do século XXI vem atuando no campo da Arqueologia Pública, tendo a diversidade como norteador da vida social, desenvolvendo atividades com grupos indígenas ou com grupos humanos variados, contemplando os espaços urbanos e a diversidade das identidades humanas. Seus estudos futuros podem ainda ser mais amplos e variados (CARVALHO e FUNARI, 2009).

Surge então a revista de Arqueologia Pública abrindo espaço para divulgação e discussões democráticas. A vertente da revista considera a Arqueologia Pública como uma prática social com compromisso na construção dos diálogos e significações na Arqueologia, Memória, Patrimônio e Identidades. Suas publicações são digitalizadas e podem ser adquiridas no site do Laboratório Paulo Duarte de Arqueologia Pública¹. O propósito destas divulgações é chegar a um maior número de leitores e instituições rompendo a barreira da imprensa (CARVALHO e FUNARI, 2007).

Atualmente, no Brasil, novas pesquisas são realizadas em Arqueologia Pública, com discussões e debates sobre educação patrimonial desenvolvidas no Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte (LAP, NEPAM, UNICAMP) que é composto por uma equipe de pesquisadores que desenvolvem trabalhos nas temáticas da Arqueologia Pública,

¹ <http://www.nepam.unicamp.br/arqueologiapublica>.

Arqueologia e Identidades, Patrimônio e Memórias, construindo uma Arqueologia mais democrática.

No cotidiano, o LAP, desenvolve estudos com práticas que envolvem as escolas de Ensino Fundamental e Médio da rede públicas e Privadas, de Campinas e região, na divulgação do saber arqueológico ao público interno e externo à universidade. Os estagiários e pesquisadores fazem exposições do acervo arqueológico, ministrando temas referentes à Arqueologia e as possibilidades de tornar-se um arqueólogo (CARVALHO e MENEZES, 2013).

Assim, a Arqueologia Pública é considerada uma Arqueologia subjetivista e da corrente Pós-Processual, que saiu do cientificismo praticado pelo Processualismo, oferecendo novas possibilidades de interpretações ao saber arqueológico (SILVA, 2011).

Segundo Reis (2007), a Arqueologia Pós-Processual deve ter o comprometimento político do arqueólogo, no qual a subjetividade envolvida na construção do passado deve estabelecer uma relação pessoal, social e política, adquirida com o tempo. O autor propõe a contextualização das pesquisas arqueológicas à realidade brasileira, a partir de análises e interpretações dos aspectos, socioeconômicos, políticos, ideológicos e culturais.

3. Narrativa

A Arqueologia Pública passou a ser considerada uma área da Arqueologia que está destinada a discutir, intervir e rever a relação dialética entre a ciência arqueológica e a sociedade, utilizando de fontes escritas como a Arqueologia Histórica. Faz também uso das fontes orais que remetem às memórias das comunidades locais, sendo a comunidade parte integrante do discurso científico, através da multivocalidade. O conhecimento popular não é diferente do conhecimento científico, nem por suas verdades nem pela natureza dos objetos, só o que se distingue são as formas de chegar ao conhecimento (FERNANDES, 2008).

Segundo Gnecco (2010), para um melhor entendimento da Arqueologia não se deve entendê-la como um instrumento isolado, mas como uma ferramenta que envolve as comunidades locais numa esfera global e, que os estudos dessas localidades não sejam para se apropriar da representação que por muitas décadas foram aplicada pela a Arqueologia. Para

Silva (2011), o público leigo não pode ser tratado como sujeito de um processo de alfabetização cultural no que abrange o patrimônio arqueológico.

Assim, dos conceitos muito utilizados pela Arqueologia Pública referem-se às narrativas e à memória, que buscam entender como funciona o engajamento do pesquisador com a sociedade e o seu compromisso em preservar o universo de valores que permeia o ser social. A memória tem seu respaldo na historiografia, que junto com os bens simbólicos inscrito de uma sociedade que atravessa o tempo que se afloram nos indivíduos ganhando sentido na coletividade. O mesmo acontece com os documentos escritos que servem como testemunho para os fatos (GOMES, 2005). Através das narrativas serão constituídas as memórias coletivas que irão emergir das marcas sociais e dos discursos, onde as vozes ecoarão pelas gerações posteriores através dos processos interativos, onde os falares, as reproduções de comportamentos e os costumes que a partir desses vêm sendo construídos os meios e a realidade social, que contribuirão na construção da memória de um determinado lugar.

De acordo com Peixoto (2009), o conceito de memória ainda está em construção, mas pode ser considerada uma faculdade complexa que conserva, esquece, transmite, destrói, embeleza ou expulsa o passado, dependendo dos conflitos e das necessidades pessoais ou coletivas do presente.

O que está sendo praticado nos espaços urbanos são pesquisas que utilizam das memórias sociais para realização da construção do passado, no que cerne o patrimônio cultural. Os estudos sobre as narrativas e memórias são locus privilegiado da Arqueologia Social, que têm como perspectiva histórica, os indivíduos como negociadores ativos das regras sociais, e a sociedade, numa dinâmica em constante transformação. Neste sentido, a oralidade, através da História Oral, é indispensável quando se trabalha com a memória social.

Segundo Peixoto (2009) na atualidade o conceito de História Oral está sendo considerado por muitos pesquisadores como um método ou técnica. A autora explica que se for como método será necessário que os depoimentos sejam o centro das pesquisas, pois nas entrevistas os resultados serão efetivos; já como técnica, a História Oral seria um recurso a mais, ou seja, as entrevistas não seriam o objeto principal das análises. Porém ocorreram reflexões sobre os problemas teóricos e os tipos de fontes que são pesquisadas. Neste sentido,

a autora expõe quatro questões: a primeira seria como as fontes se articulam na construção da memória; a segunda, o tipo de metodologia usada na construção da memória através das diferentes fontes, mas que na descrição uma não interfira na outra; a terceira seria o grau de subjetividade das fontes; e a quarta e última seria o peso da representação da memória individual e coletiva na comunidade estudada.

Igualmente, Peixoto (op.cit.) sugere soluções para esses problemas relatando que é necessário definir os seguintes conceitos: o de memória, o de memória social e o de cultura material. Outra forma é considerar a forma distinta das fontes (oral, visual e material), tendo assim uma relação diferenciada junto com a memória subjetiva e coletiva para a construção de um documento histórico respeitando as suas especificidades.

Todavia, Gomes (2005) ressalta que as fontes orais são consideradas de natureza subjetiva e mesmo a memória sendo efêmera tem suas potencialidades que são relevantes tanto quanto os documentos. Quando se estiver trabalhando com a História Oral acaba surgindo questões sobre sua plausibilidade. No entanto, podendo ser reconhecido o ator social na condição do sujeito como portador da tradição oral, considerado como um documento vivo.

4. História Oral/ Memória

É muito importante tratar acerca da oralidade neste capítulo. Então é necessário que entendamos como a memória está presente na construção da História Oral. De acordo com Matos e Senna (2011), a memória pode ser compreendida como uma presença do passado, também uma construção psíquica e intelectual, mas que são fragmentos que representam o mesmo passado, que não pode ser nunca conhecido em sua totalidade. Para os autores, nós só filtramos as lembranças que queremos e que nos são significativas, deixando claro que não impedimos que as recordações surjam, mas podemos controlá-las ao saírem do nosso íntimo para ganhar vida própria ao público.

Segundo Netto e Alves (2011), a memória é formadora de identidade que é herdada por um determinado grupo social, salientando que a memória é selecionada pelos indivíduos, onde suas lembranças serão recordadas através do que foi aprendido e que represente significados. Embora seja individual, a memória é adquirida através das vivências coletivas, que constituirão, dessa forma, representações socioculturais.

Os autores destacam que para salvaguardar a memória deve-se buscá-las nos moradores mais antigos. Através de suas narrativas forma-se uma identidade, perpetuada nas novas gerações e transmitidas por outros olhares.

Segundo Caino (2010), a memória é construída das vivências; então a memória de uma cidade é formada pela a vida cotidiana dos habitantes; destacando as vidas rotineiras das pessoas; o caminho de casa para o trabalho; as ruas por onde os moradores passam e os prédios que fazem parte desses percursos. Todos esses fatores constroem e estabelecem as representações das memórias que cada indivíduo faz de sua cidade.

A História Oral torna-se importante para o estudo do contemporâneo, dando voz a outra versão histórica, ou seja, um novo olhar histórico. De acordo com Joutard (2000, p. 33.) é necessário respeitar três primícias: a primeira, ouvir a voz dos excluídos e esquecidos; a segunda, trazer luz à realidade daqueles que a escrita não consegue transmitir; a terceira, testemunhar as situações de extremo abandono. Nessa mesma concepção, o autor relata que se não fosse o suporte da oralidade não seria possível relatar as histórias dos excluídos, pois os documentos escritos não podem fornecer toda realidade e raramente apresentam a realidade desses grupos.

Seguindo esse mesmo pensamento é muito sensível o uso da História Oral brasileira para denunciar e dar visibilidade ou ainda oferecer soluções para os inúmeros problemas sociais que estão presentes em nossa sociedade, e que em muitos casos acompanha os processos de pesquisas. Segundo Joutard (op.cit.) existem outras percepções que a História Oral documenta, afirmando que é com propriedade explicitada no exercício das rememorações, quando se repensa e revistam decisões e ações. No caso, o autor está se referindo às emoções, sendo a partir dela que se podem fazer inferências aos fatos ou decisões que no cotidiano não são percebidos ou apreendidos.

A História Oral em sua metodologia registra impressões vividas e lembranças dos indivíduos que se dispõem a compartilhar das suas memórias tornando-as assim coletiva; permitindo o conhecimento do vivido mais rico e dinâmico e mostrando situações que mesmo procurando outros mecanismos não seria possível conhecermos (MATOS e SENNA, 2011). Para Matos e Senna (op.cit.), os múltiplos estudos e as possibilidades de sistematização das lembranças seriam indicadores e referências de formas de registro da oralidade. A memória

seria uma construção que é feita a partir do presente, memórias que são extraídas através das vivências ocorridas do passado.

De acordo com Harris (2008) com o advento das novas tecnologias e suas utilizações cada vez mais se expandindo, pode-se potencializar e aperfeiçoar ainda mais a História Oral. Portanto, o seu processo acelerado e suas transformações, que de forma mais efetiva repercutem, abrem mais possibilidades do que na atualidade são assumidas pela História. Desta forma, as entrevistas filmadas e as fotografias que fazem parte da dinâmica das entrevistas e também a criação de novos formatos para documentários são instrumentos eficazes da pesquisa em História Oral.

Portanto, a História Oral busca a partir dos mecanismos tecnológicos se perpetuar, tornando-se um campo que estar sendo bastante explorados por outras ciências nas pesquisas acadêmicas. Então é possível fazer inferência da Arqueologia Pública que se apropria dessa metodologia histórica pra o seu pleno exercício.

Mas é preciso atentar-se para as pesquisas da História Oral conhecendo seus próprios limites, fornecendo informações que não seriam possíveis de se obter sem a oralidade inclusa ou não nos arquivos escritos. Os limites seriam as fraquezas da própria memória, devido ao mecanismo do esquecimento, que podem confundir informações e trazer equívocos, com tendência para lenda e mitos, o que, também, pode se constitui no interesse do pesquisador (JOUTARD, 2000).

Fazendo um breve histórico das pesquisas no âmbito das fontes orais realizadas no Brasil. De acordo com Harris (2008), as primeiras pesquisas realizadas neste campo tiveram início na década de 1970, porém só na década de 1990 obteve seu reconhecimento; quatro anos depois tem o surgimento da Associação Brasileira de História Oral, tendo um caráter interdisciplinar. Na sociedade brasileira, segundo o autor, a cultura de imagens está tomando um papel desestabilizador, uma vez que as nossas formações e práticas educativas estão impregnadas na escrita e na leitura, que muitos das vezes não estão claros, bem como na própria palavra, oralidade considerada uma expressão subjetiva, mas muito fundamental para a história oral, e a tecnologia que ao mesmo tempo é inovadora, mas carregada de desafios.

A escrita e as narrativas orais, de acordo com Matos e Senna (2011), não são fontes excludentes, mas se complementam mutuamente; também as fontes orais não se sustentam na

escrita tradicional. A diferença está na sua constituição interna. É melhor entendermos como a sociedade funciona em cada indivíduo como ser histórico, singularizando a sociedade na qual se esta inserida sendo, contudo, de forma mais específica.

A tradição oral está constantemente ligada ao contemporâneo, construindo um discurso dinâmico. Na tradição oral pode estar o futuro promissor dos dias atuais dos grupos sociais e das sociedades viventes que estão imbuídas na própria historicidade das dinâmicas das tradições orais (JOUTARD, 2000).

5. Cultura Material

No processo de entendimento sobre cultura material e sua relação com a Arqueologia Pública é pertinente relacionar as pessoas uma vez que de acordo com Carvalho e Funari (2009), essas pessoas estão dentro do modelo democrático, igualitário e alternativo que compreende a Arqueologia Pública. Isso os autores deixam bem claro e defendem a igualdade no valor das pessoas e que todas elas são produtoras de conhecimento e, assim, podem estar relacionadas à Arqueologia. Nesta perspectiva, destacam que a Arqueologia é fascinante e um instrumento de leitura crítica do meio em que vivemos que é composto pela cultura material.

A cultura material está presente na vida da humanidade desde quando nascemos, crescemos e morremos e que sempre estaremos em contato com as diversas materialidades, mas com diferentes propósitos. Partindo para um conhecimento mais amplo de como a cultura material se relaciona com as pessoas quero dar ênfase para a afirmação de Carvalho e Funari (2009). Segundo os autores, a cultura material são intencionalidades que são concebidas, materializadas e utilizadas dentro de uma sociedade, podendo ser compreendidas suas funcionalidades devidas às regras de uma sociedade.

No entanto, para Carvalho e Funari (2009) existem inúmeras formas de análises dos vestígios materiais que refletem as intencionalidades e seus efeitos, destacando ainda que para uma análise do universo cultural é importante compreendermos quais são as regras culturais e sociais em que o pesquisador está inserido. Ao mesmo tempo exprimem que o arqueólogo não é o dono da verdade, mas que a Arqueologia é reconhecida como democrática para o saber arqueológico.

O diálogo neste campo é importante para sabermos como o arqueólogo atua para chegar a uma maior compreensão de determinada sociedade, por isso é importante entendermos o que é cultural material e como ela está inserida na sociedade. Para entendermos a denominação do que é cultura material contemplaremos outros autores e o que eles descrevem sobre este campo serão apresentadas a seguir.

Segundo Gaspar (2009), em suas reflexões sobre a cultura material, o conceito de cultura material, por muito tempo, foi considerado como sinônimo de artefato, sendo o próprio corpo humano moldado numa determinada cultura, bem como as paisagens e seus arranjos espaciais, quando é apropriada por um determinado segmento social.

De acordo com Meneses (1983), a cultura material poderia ser considerada um segmento do meio físico socialmente apropriado pelo homem. Mas o que seria apropriação? O autor explica como o homem se apropria do meio físico. A forma de apropriação estaria no propósito e normas culturais, partindo do pressuposto que o homem intervém, modela e da forma aos elementos inseridos no meio físico. A forma de intervir não seria aleatória, nem casualidade ou uma individualidade, mas que são ações que seguem um projeto e objetividade. Meneses (op. cit.) vai mais além, na sua definição sobre cultura material, destacando que são produtos e vetores de relações sociais, pois são resultados de formas específicas e historicamente determináveis da organização do homem na sociedade, e que por serem realidades estão presentes na própria materialidade do artefato.

Todavia, nos últimos anos, mormente na década de 1980, começaram a surgir questionamentos a respeito da conceituação e redefinições da objetividade de cultura material, isso devido ao movimento pós- processualista e do fortalecimento do pós- modernismo. Não obstante ficou muito difícil identificar uma cultura por meio de artefatos arqueológicos, pois o problema está na definição dos limites culturais dos humanos numa esfera de identidade e pertencimento a qual as pessoas ou grupos estariam inseridos (CARVALHO E FUNARI, 2007).

O que se estuda da cultura material em relação sociedade? Lima (2011 p. 12) relata as explorações dos estudos da materialidade com o social, “se, por um lado, Arqueologia é o estudo da cultura material, por outro, os estudos de cultura material transcendem a prática arqueológica”.

Ainda Lima (op.cit.), discorre a respeito da cultura material destacando em cinco categorias nas quais ela pode ser aplicada, a depender do corpo teórico adotado: a cultura material como reflexo, como resposta adaptativa, como parte do fenótipo humano, como texto e como percepção sensorial.

A cultura material como reflexo insere-se quando, a partir do século XIX, a Arqueologia passava a ser considerada como disciplina sob influência do Evolucionismo e da Geologia. Contudo, houve necessidade de serem realizadas as primeiras terminologias, a partir das observações e coleta dos achados, o que conduziu, a um primeiro momento descritivo e categorizador da cultura material, considerada como algo prático a ser compreendido, bem como ao estabelecimento dos sistemas tipológicos aplicados de acordo os princípios de Evolução e da Seleção Natural. No século XX esse tipo de abordagem passou a sofrer críticas em sua plausibilidade. No entanto fazia-se necessário saber a procedência dos artefatos, ou seja, quem os produziu e o propósito de terem sido feitos (LIMA, op.cit.).

Na década 1930 vão surgir métodos e técnicas que a autora caracteriza como essencial e indispensável para o desenvolvimento da Arqueologia. É neste momento que o Histórico-Culturalismo surge e adota a homogeneização da cultura material. De acordo com este pensamento, a cultura material seria a assinatura de um grupo étnico nos registros arqueológicos, sendo os tipos de traços diferenciados resultados de processo de difusão e imigração. Diante disso, esses mecanismos se caracterizavam como agentes de mudanças, uma vez que, para essa autora, as coisas materiais só mudam porque as pessoas também são suscetíveis à mudança (LIMA, op.cit.). Desde então a cultura material passou a ser entendida como reflexo da cultura, sendo assim um conjunto de normas, valores e ideias. Através de formas e padrões determinado, o pesquisador precisaria, então, dar significado aos artefatos porque já estavam munidos de significados. Contudo, o foco era no valor estético do artefato. As datações tipológicas eram métodos obtidos pela seriação que representavam um espaço temporal em fases e tradições (LIMA, op.cit.).

Uma resposta contra os paradigmas de interpretação concernente a cultura material apresentada pelo o Histórico-Culturalismo, foi o Processualismo que passou a considerar a cultura material como uma resposta adaptativa, criando-se um novo conceito de fazer Arqueologia. Seus seguidores chegaram a interpretar a cultura como um meio extrassomático de adaptação humana ao ambiente. Assim, a cultura material passou a ser compreendida como

produto da adaptação humana ao ambiente, pois passaram a entender que as mudanças culturais eram fenômenos resultantes das dinâmicas estimulados por fatores externos. Segundo a autora, os seguidores do Processualismo, não abordavam os fatores considerados ideacionais como o simbólico, as crenças, as motivações, entre outros, pois esses não eram inerentes à investigação científica. A Arqueologia passava a ser mais cientificista e positivista compreendendo a cultura material através de análises quantitativas (LIMA, op.cit.).

Pesquisadores não satisfeitos com as propostas de mudanças do Processualismo voltaram os olhares à teoria evolutiva de Darwin explicando que a maneira cientificista desse novo Paradigma era errônea, porque seu sistema de pesquisa era com base na Antropologia. Assim, surge um novo conceito de cultura material, que passa a ser caracterizada como parte do fenótipo humano. Este tipo de denominação é resultado da compreensão do Neo Evolucionismo de que a totalidade das características físicas e comportamentais de um indivíduo é entendida como parte do processo evolutivo. Diante do exposto, passou-se a incorporar as contribuições do Histórico-Culturalismo e do Processualismo na teoria Evolutiva, reconhecendo os grupos humanos como espécies sobre influência da seleção natural. Assim, os pesquisadores passaram a analisar os artefatos arqueológicos no seu sentido diacrônico; seriam mais do que um espaço temporal, alcançando o entendimento de que historicamente os artefatos possuem linhagens culturais.

Na perspectiva Pós-Processualista a cultura material é considerada como texto, por possuir, na sua essência, estruturas de significados implícitos no material e que devem ser lidas, abrindo diversas formas de interpretações. A Arqueologia passou a ser incorporada nas discussões contemporâneas, contrapondo o positivismo praticado pelo Processualismo e o empirismo do Histórico-Culturalismo. Com influência do Marxismo, do Estruturalismo e da Semiótica, o Pós-Processualismo incorpora no estudo da cultura material vários meandros de diferentes disciplinas e teorias. Nessa nova ótica de entender a cultura material, os indivíduos são considerados como negociadores ativos das regras sociais, sendo sabido que os artefatos não falam por si só, sendo os arqueólogos que lhes dão significados, bem como na transmissão e reprodução dos significados cultural, destaca-se os símbolos como agentes ativos. Mas ainda há pouco consenso sobre essa vertente, apresentando divisões e diferenças internas que ao mesmo tempo são valorizadas pelos seus adeptos. Embora o Pós-Processualismo seja criticado como não científico, porque suas formas de abordagens no que

tange à cultura material têm um perfil subjetivo, trouxe grandes contribuições teóricas, além de incorporar a Arqueologia ao discurso do contemporâneo.

Outro tipo de abordagem do pós-Processualista é aquela que compreende os aspectos simbólicos e cognitivos da cultura material como percepção sensorial, um tipo de estudo pouco explorado pela Arqueologia que não se limita ao estudo das materialidades. Este tipo de pesquisa começou a ganhar mais intensidade na década de 1990, sobretudo, nos aspectos relacionados à paisagem e ao corpo. A Arqueologia Sensorial vai valorizar a cor, a textura, o som, o gosto e o cheiro, explorando os sentidos humanos. Experiências adquiridas de vivências e das práticas do cotidiano, tanto no nível individual como no coletivo. Dessa forma, afirma-se que a cultura material é uma construção social.

6. Patrimônio

No que se refere a patrimônio existem formas distintas de compreendê-lo, por exemplo: os bens materiais herdados e transmitidos; bens que podem possuir valor comercial ou não; e patrimônio espiritual que rememora aos ensinamentos deixados pelos antepassados. Porém essa compreensão é perceptível como patrimônio individual, porque quando se refere ao patrimônio coletivo este é determinado por diversos grupos, apresentando interesses distintos. Logo, as coletividades compartilham de constante interação e mudança (FUNARI e PELEGRINI, 2006).

O termo patrimônio origina-se do latim, e em sua compreensão estava ligado ao pai ou pai de família, esse último, no sentido mais aprofundado, se referia ao que estava sobre domínio do senhor, pessoas e os animais sendo também inclusos nessa percepção. Assim, na sua gênese o patrimônio era ligado à elite patriarcal romana e de interesse da aristocracia e do privado, portanto conceito de patrimônio como público ainda não existia (FUNARI e PELEGRINI, 2006).

Segundo Rodrigues (2012), patrimônio é o principal produto para a construção de uma identidade social e cultural ou para materializar determinado grupo e sociedade. Os autores destacam o que denominam de constituintes do patrimônio, os bens materiais e imateriais de interesse coletivo, que podem ser testemunho e manifestação para a recordação

de um passado, contribuindo para preservar as identidades que podem ser históricas e de vivências de um povo.

De acordo com Netto e Alves (2011), patrimônio material e imaterial são formadores de lugares notáveis, mostrando, assim, a relação do homem com a natureza, designada de paisagem cultural, que além de possuir valores arquitetônicos, antropológicos, históricos e culturais, também é de valor arqueológico.

Para Caino (2010), o patrimônio pode ser entendido de diferentes formas em uma sociedade. Uma vez que existem bens que podem ser patrimonializado e bens que não podem essa compreensão se dá a partir de decisões sociais, históricas e políticas. Destaca, ainda, que a ideia de patrimônio pós-revolução francesa teve um papel de formar identidades nacionais, surgindo na França com o interesse de despertar o patriotismo. O Brasil também vai adotar esta prática nacionalista e colonialista diante dessa proposta de impulsionar características do período colonial com o propósito de despertar nacionalismo entre os brasileiros, resultando em atuação centrada do IPHAN junto ao patrimônio colonial brasileiro. É sabido que esses tipos de abordagens só contemplavam uma pequena parcela social, representada pela elite favorecida pelo os discursos políticos, deixando de lado os grupos subordinados, subalternos e os excluídos. Apenas nos últimos anos, os estudos passaram a contribuir no processo de autonomia dos desprovidos de privilégios, no que tange aquisição de suas próprias vozes. A propósito a prática colonialista ganhou evidência a partir da constituição de 1937, com os primeiros registros de tombamentos para a proteção do patrimônio brasileiro como por exemplos: o decreto lei 25/1937 e que o SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), hoje conhecemos como IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), ficava com a responsabilidade de salvaguardar o patrimônio cultural do nosso país. No entanto só em 1961 foi aprovada a lei 3.924/1961 sendo a égide do patrimônio arqueológico, anos depois em 1967 já entravam como bens patrimoniais as jazidas e os sítios arqueológicos (FUNARI e PELEGRINI, 2006).

Já no âmbito da democracia brasileira a Constituição Federal (CF) de 1988 no seu Art. 215, observa que o Estado é responsável por garantir os direitos culturais e os acessos as fontes culturais, apoiando, incentivando, valorizando e difundindo as manifestações culturais. Já no seu parágrafo 1º, a CF enfatiza que protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras e também de outros grupos participantes do processo civilizatório

nacional. Portanto, nossa Carta Magna institucionaliza a preservação dos patrimônios culturais, consequentemente, também formaliza a preservação dos patrimônios arqueológicos.

Depois dessa introdução a respeito da legislação patrimonial do nosso país, discorro brevemente sobre o patrimônio como formador de paisagem em contexto urbano, o objetivo maior de meu estudo.

A paisagem urbana compreende as dinâmicas históricas das cidades, disposta em suas edificações e ruas. Assim, compartilho o pressuposto de que é uma construção história e social e que por meio desta dinamicidade é possível entender a paisagem na sua materialização e disposições dos espaços urbanos. Dessa forma pode-se constatar como as cidades foram se desenvolvendo, respeitando as suas espacialidades e as relações das pessoas com o meio urbano, bem como as escavações que a partir dos artefatos podem levar a compreender essas disposições (CAINO, 2010).

Segundo Netto e Alves (2011), a paisagem cultural está associada às relações naturais e socioculturais, e representam uma manifestação simbólica, formadora dos espaços e dos discursos de identidades. Em contexto urbano, a preservação do patrimônio cultural pode ser representada pela memória coletiva, uma vez que é formadora de uma paisagem urbana. No entanto, os bens patrimoniais urbanos são fragmentados. Neste sentido, os autores sugerem que ao invés de ficarem engessados em perspectivas de tombamentos e inventários é necessário envolvê-los em análises mais atuais, em processos de valorização e recuperação da paisagem cultural, ressignificando a identidade cultural através das dinâmicas sociais de um determinado lugar.

Em fim, entende-se a paisagem cultural como aquilo que é materializado e pelo o que não é materializado, como no caso das ideias e dos campos simbólicos e religiosos, esses por sua vez, serão representados e preservados por meio da memória social (NETTO e ALVES, 2011). No capítulo seguinte trataremos de forma mais aprofundada a caracterização da paisagem cultural no cenário urbano e os tipos de abordagens arqueológicas aplicadas nos estudos das paisagens e como a Arqueologia se apropria desse discurso.

CAPÍTULO 2- A CIDADE DE LARANJEIRAS E SEU PATRIMÔNIO HISTÓRICO-ARQUITETÔNICO

2.1 Breve história de Laranjeiras

Laranjeiras uma cidade situada em seis colinas que, segundo Jônatas de Oliveira (1942), tem sua origem a partir de um pé de laranjeira localizado à margem esquerda do Rio Cotinguiba onde os primeiros habitantes ficavam descansando até chegar o horário de embarque.

No ano de 1606, a cidade de Laranjeiras passou a ser considerada povoação e só em sete de agosto de 1832 foi assinado um Decreto Lei que elevou Laranjeiras a categoria de Vila. Surge, então, a Vila de Laranjeiras, na Província de Sergipe. Oito anos depois, a Vila de Laranjeiras teve o seu território demarcado, bem como a Paróquia Sagrado Coração de Jesus, que abrangia o mesmo território. Ainda nessa década e com a mesma disposição do território, no dia 4 de Maio de 1848, a então Vila de Laranjeiras foi elevada a categoria de Cidade (OLIVEIRA, 1942).

Laranjeiras ainda como Vila, no ano de 1836, já mostrava seu desenvolvimento econômico, tendo instalada a primeira Alfândega do Estado de Sergipe; no ano de 1839 a Câmara Municipal recebeu a autorização para a construção de uma cadeia e uma casa para júri (OLIVEIRA, 1942, p. 70). Seguiu-se durante a segunda metade do século XIX melhorias urbanas como abastecimento de água, a iluminação pública, criação de um cais e calçamento nas ruas, além da construção de uma nova ponte (OLIVEIRA, 1942, p. 70).

Na qualidade de Cidade, Laranjeiras em seu território apresentava setenta e três engenhos em pleno funcionamento. Isso demonstrava que a cidade tinha um crescimento que era alimentado pela manufatura açucareira (PASSOS SUBRINHO, 1987).

Segundo Passos Subrinho (1987), a Capitania de Sergipe, no início do século XIX, demonstrava que a lavoura canavieira era o basilar da riqueza pública e particular no vale do Cotinguiba, adquirindo a exclusividade no comércio com a Bahia. Essa riqueza agrária materializada nos engenhos dessa região se justificava pela maior produtividade do solo

massapê, garantindo a cidade de Laranjeiras um importante papel econômico na província de Sergipe Del Rey.

A cidade também teria algumas pequenas propriedades destinadas ao cultivo de alimentos produzidos para o comércio local. Considerando a produção escravista da lavoura canavieira, somado às necessidades infra-estruturais e de manutenção de um engenho produtor de açúcar, observa-se que esta produção denotava grandes investimentos, com boa parte dos recursos sendo direcionados para a compra de animais e escravos (PASSOS SUBRINHO, 1987). Inclusive, pode-se observar a importância da produção açucareira em Laranjeiras a partir do grande número de africanos que chegou ao território Sergipano, sendo Laranjeiras considerada a cidade com maior concentração de africanos (NUNES, 2006).

No século XIX, a produção do açúcar em Sergipe era de estrutura secular, o que conduziu à necessidade de modernização dos engenhos pertencentes às elites agrárias das províncias açucareiras, pois o sistema vigente baseava-se no modelo colonial de produção. Não modernizar significaria perder a concorrência no comércio mundial e tornar-se apenas engenhos de produção de rapadura que atenderia uma pequena demanda do mercado interno e dos sertões nordestinos (PASSOS SUBRINHO, 1987, p.37).

No ano que a Capitania de Sergipe conseguiu a sua independência política, a cidade de Laranjeiras já era o principal centro do comércio importador e exportador da Capitania, mantendo contatos comerciais com a Europa e com as províncias da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro (NUNES, 2006).

A repercussão do desenvolvimento econômico de Laranjeiras também refletiria na vida cultural, através do desenvolvimento da educação, destacada por duas escolas: uma pública a outra particular. Dessa forma, o crescimento de Sergipe nas primeiras décadas do Segundo Reinado, fez de Laranjeiras o principal empório da província de Sergipe (NUNES, op. cit.). A autora ainda destaca que a comprovação do progresso de Laranjeiras na época Imperial reside nas edificações existentes, principalmente nos sobrados e igrejas. Assim, o século XIX, na Cidade de Laranjeiras, foi considerado como o “Século do Ouro”, pois representou o período de urbanização da cidade, resultado do seu apogeu econômico e comercial (AZEVEDO, 1975).

A imprensa também teve grande desenvolvimento no século XIX, sendo criados vários jornais como o “Monarquista Constitucional”, de 1841; “O Triunfo”, de 1844; “O Pedro Segundo”, de 1844; “O Guarani” de 1847; “O Telégrafo”, de 1848; e “O Observador” e a “Voz da Razão”, ambos de 1851. No entanto alguns ficaram pouco tempo em circulação. A cidade também passou a ter uma estação de telégrafo que foi inaugurada no dia 6 de Janeiro ano de 1880 e instalada no Paço Municipal, onde hoje é a sede da prefeitura (OLIVEIRA, 1942).

Na última década do século XIX, a cidade de Laranjeiras começou a apresentar uma desaceleração urbana e populacional, ocasionada, entre outros motivos, pela mudança da capital do Estado, de São Cristóvão para Aracaju. A primeira epidemia de varíola, no ano de 1873, também contribuiu para a diminuição da população de Laranjeiras. A elite agrária se transfere para a nova capital, além de escolas, e da Alfândega, esta transferida para o Porto das Redes, localizado na Barra dos Coqueiros, município bem próximo da capital. Com esta transferência buscava-se segurança na nova capital. Inclusive esse processo vai continuar após um novo surto de varíola no ano de 1911 (OLIVEIRA, 1942).

2.2 A Paisagem Urbana e o Patrimônio Arquitetônico de Laranjeiras

Considerarei estes dados importantes, pois situam o estudo de caso, o sítio Ruínas do Teatro de Laranjeiras, dentro do processo de urbanização e de patrimonialização da cidade de Laranjeiras, processo este totalmente direcionado pela elite agrária local e pela elite intelectual regional e nacional.

Segundo França (2005), o processo de urbanização no Brasil ocorre de forma acelerada, junto com o crescimento populacional, a partir do século XIX. Contudo, o autor destaca que foi um crescimento desordenado, que só ocorreu devido à Revolução Industrial e ao êxodo rural. Assim, o processo de urbanização, de forma mais sistemática, só aconteceu no século seguinte, através do estabelecimento de indústrias, pois era o principal polo de dinamização da economia, bem como a ideia de planejamento urbano. Netto e Alves (2011) apontam que o crescimento desordenado só abarrotou as cidades, deixando-as sufocadas e suas histórias escondidas. Os autores afirmam ainda que as observações das cidades muitas das vezes acontecem de forma isolada e que as pessoas, que são constituintes dos espaços

urbanos, estariam separadas dos próprios espaços. Este quadro de urbanização acelerada e desordenada também pode ser percebido na cidade de Laranjeiras no século XIX.

De acordo com Caino (2010), a paisagem urbana pode ser estudada a partir do patrimônio edificado, porém as relações sociais no cenário urbano, principalmente no século XIX e XX têm uma ligação direta de poder representado pela elite dominante. Isso ocorre segundo SCHUTZER (2011), porque a alteração da paisagem urbana acontece para acompanhar as mudanças sociais, destacando que o processo de transformação de uma sociedade, também ocorre nas interações sociais e política.

Observando o Plano Urbanístico de Laranjeiras é possível perceber como ocorreu o início da evolução Urbana de Laranjeiras, com rio Cotinguiba sendo o principal eixo direcional da ocupação (figuras 1 a 5).

Dentro desta paisagem urbana oitocentista, uma parte do mobiliário da cidade considerada representativa deste período acabou por ser tombada pelo IPHAN em 1943 e 1944, a saber: Capela Jesus, Maria José (engenho)², Igreja Matriz Coração de Jesus³, Igreja Comandaroba⁴, Capela e Casa do Engenho do Retiro⁵. Apenas no ano de 1996 foi delimitada e tombada pelo IPHAN uma área representativa do conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico de Laranjeiras⁶, constituindo o sítio urbano de Laranjeiras (figura 6). Essa área do projeto está sobre a proteção do patrimônio nas três esferas governamentais: a) na esfera Estadual a área foi tombada na categoria Cidade de Monumento Histórico⁷; b) na esfera Municipal a área de proteção tem por delimitação a Capela Sant'Aninha, ao norte, o Centro de Tradições, a leste, a rua Jackson de Figueiredo, ao sul; a Igreja de São Benedito, a oeste, e o Matadouro, ao nordeste.

² Livro Histórico, Inscrição:209, Data:23-3-1943 e Livro de Belas Artes, Inscrição:274-A, Data:23-3-1943 do Processo:0308-T-42. O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN.

³ Livro de Belas Artes, Inscrição:265-A, Data:20-3-1943 e Livro Histórico, Inscrição:199, Data:20-3-1943 do Processo:0294-T-41. O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN.

⁴ Livro de Belas Artes Inscrição:272-A Data:23-3-1943 e Livro Histórico Inscrição:207 Data:23-3-1943 do Processo:0299-T-41. O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN.

⁵ Livro de Belas Artes, Inscrição:298-A, Data:14-1-1944 e Livro Histórico, Inscrição:231, Data:14-1-1944 do Processo:0297-T-41. Observações: O tombamento inclui todo o acervo da Capela, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN.

⁶ Através do Decreto – Lei nº 1.288-T89, de 08 de Março de 1996. Portaria IPHAN nº 019/96.

⁷ Decreto nº 2048, em 12 de 1971.



Figura 1- Segundo o Plano Urbanístico de Laranjeiras, mapa de início da evolução Urbana de Laranjeiras- 1. Centro direcional paralelo ao Cotinguiba; 2. Eixo Normal ao anterior - zona comercial, residencial e outros; 3. Zona administrativa; 4. Área de expansão da trama urbana. Fonte: (AZEVEDO, 1975, V.1)

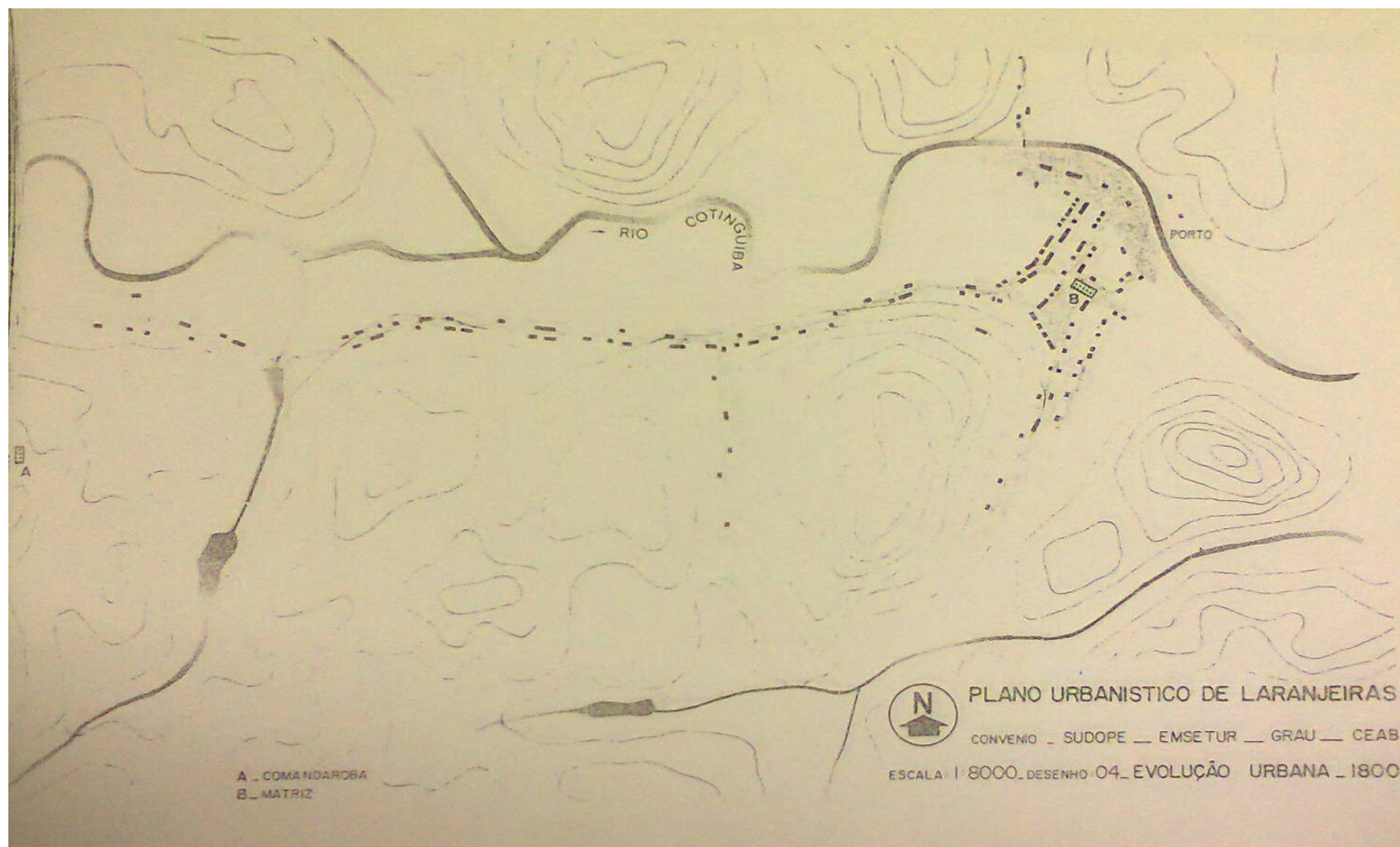


Figura 2 – Mapa que mostra a evolução Urbana de Laranjeiras em 1800. Fonte: AZEVEDO, 1975. Plano Urbanístico de Laranjeiras.

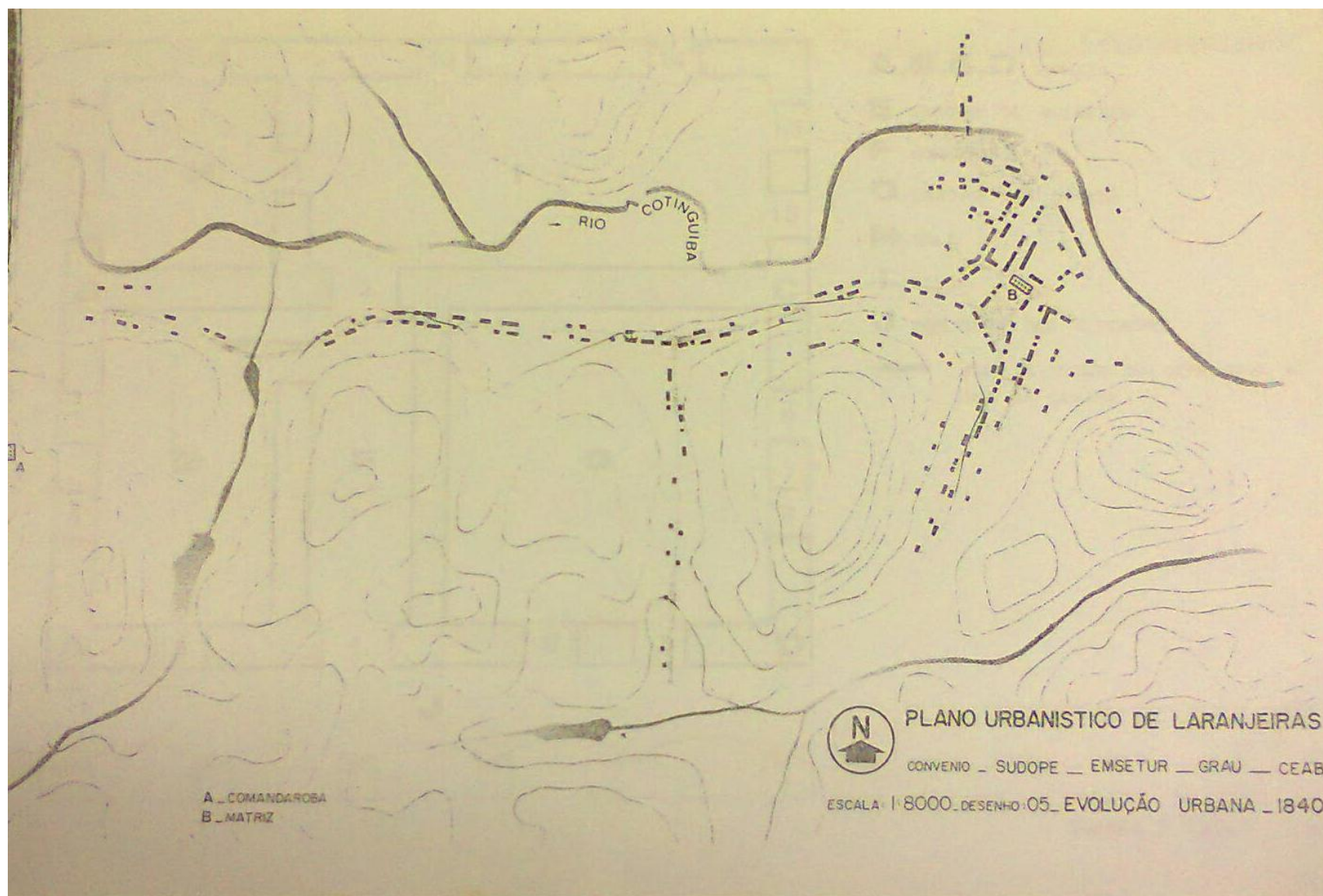


Figura 3- segundo o Plano Urbanístico de Laranjeiras o mapa mostra a evolução urbana de Laranjeira em 1840. Fonte: (AZEVEDO, 1975, V.1)

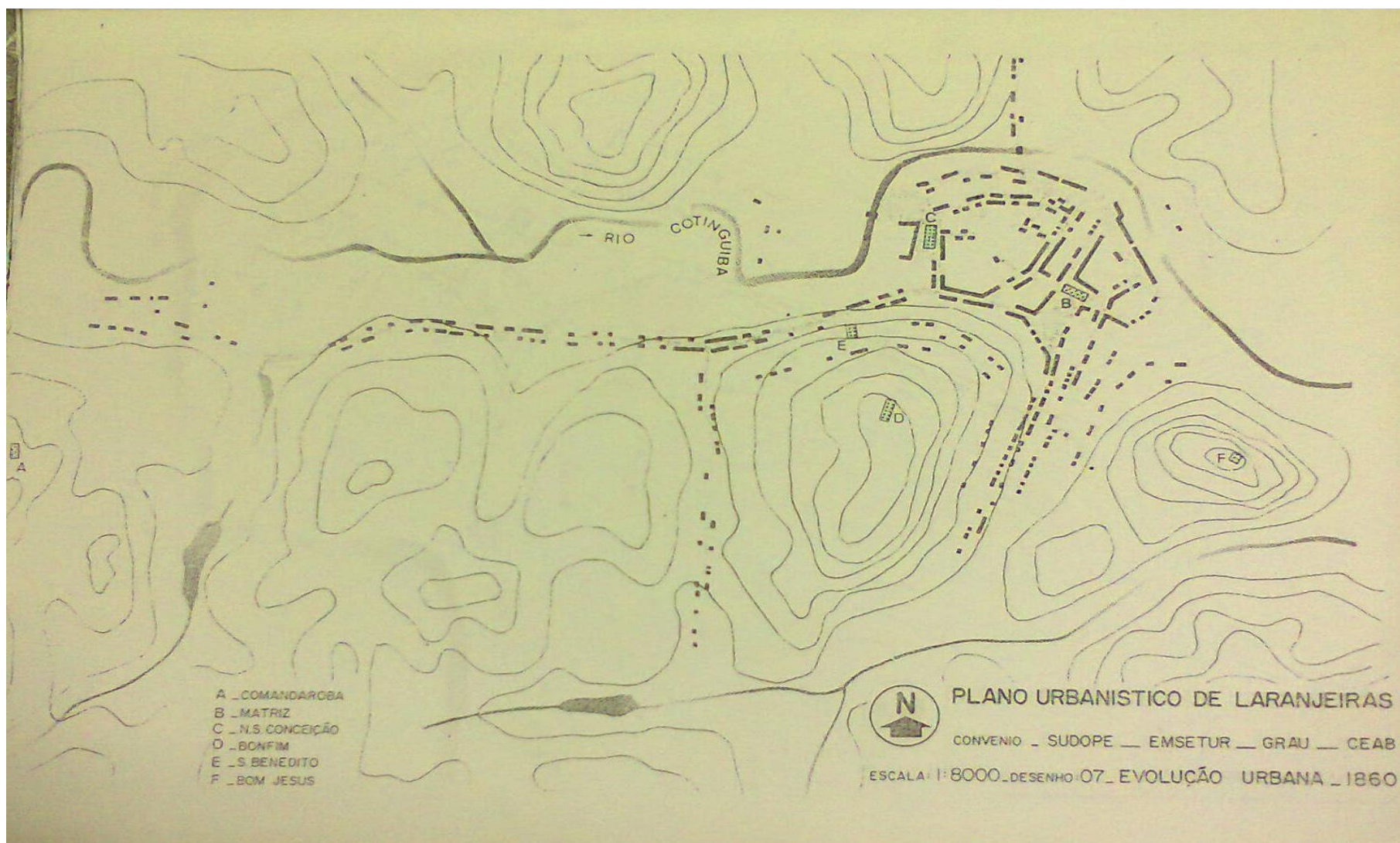


Figura 4- Mapa de Evolução Urbana de Laranjeiras em 1860. Fonte: (AZEVEDO, 1975, V. 1)

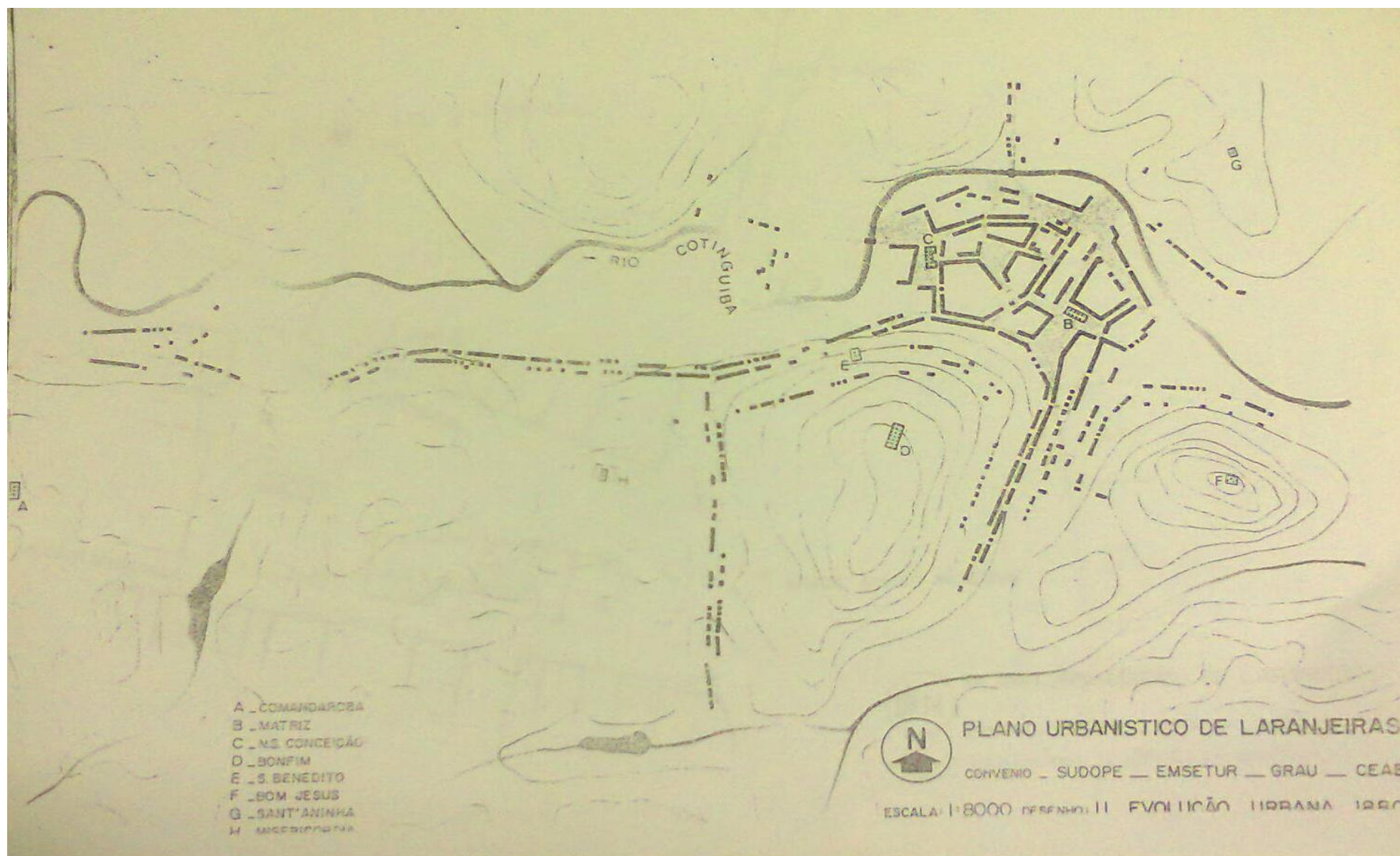


Figura 5- segundo Plano Urbanístico de Laranjeiras. Mapa da Evolução Urbana de Laranjeiras em 1880. Fonte: (AZEVEDO, 1975, V. 1).

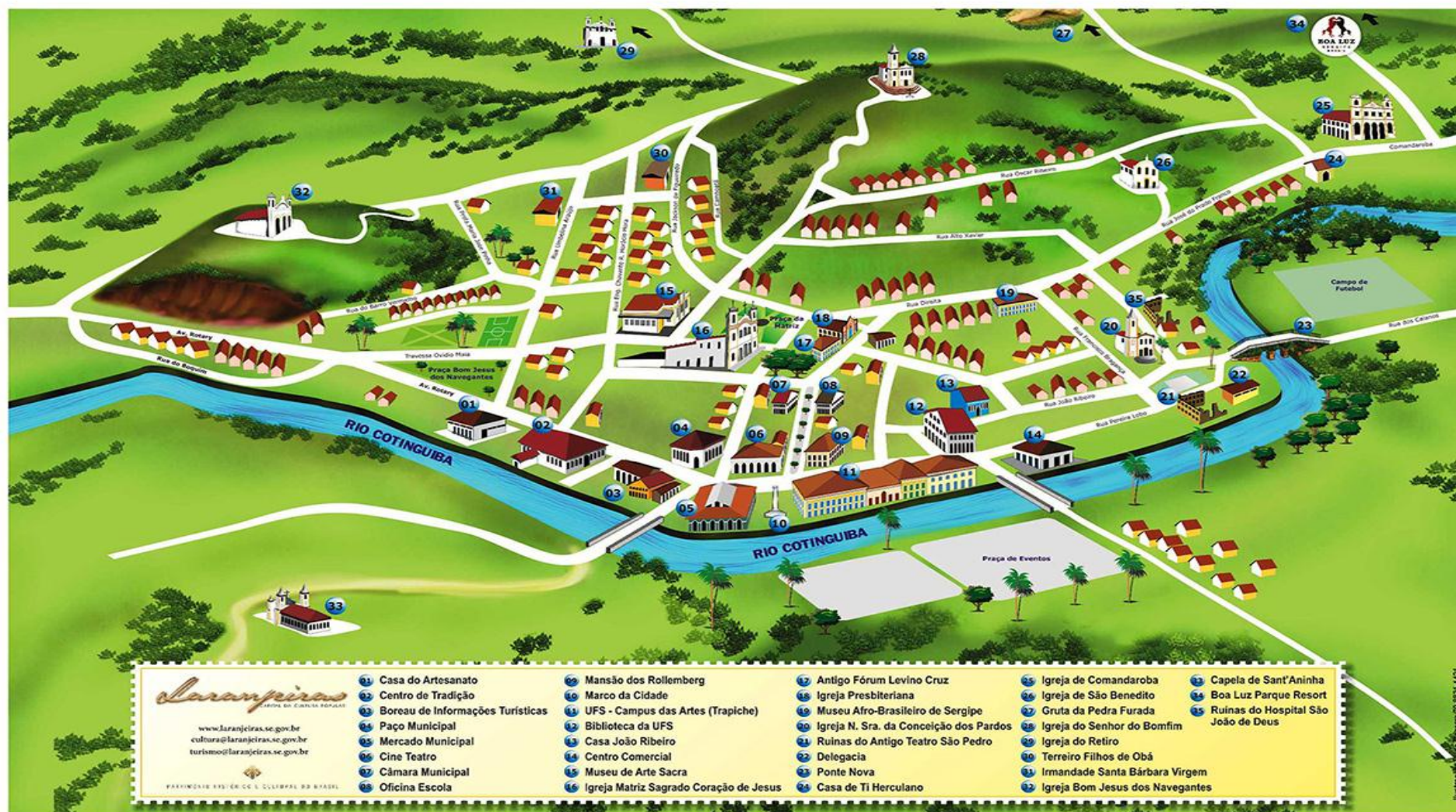


Figura 6- Mapa da área tombada pelo o IPHAN. Fonte: www.laranjeiras.se.gov.br/acidade-1.asp

Desde as décadas de 1960 e 1970 que órgãos internacionais como ICOMOS, a UNESCO e a OEA iniciaram discussões, reflexões e firmaram compromissos em relação à preservação do patrimônio histórico urbanístico, sendo que apenas na década de 1980, a UNESCO, o ICOMOS e ICCROM divulgaram internacionalmente seu enunciado e os bancos internacionais, Banco Mundial (BM) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), passariam a se interessar pelo assunto e a destinar recursos importantes para a recuperação de centros de cidades históricas (SCHICCHI, 2012). Entretanto, como afirma Mutal (2001), devido às condições criadas pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o primeiro programa de cidades históricas a ser criado na América Latina seria no Brasil, em 1973, o Programa Integrado de Reconstrução de Cidades Históricas do Nordeste que demandaria a criação da Fundação Nacional Pró-Memória (FNPM), em 1980, como órgão executivo da então Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), sustentada por fundos públicos e privados (FONSECA, 1997). No total foram realizados 93 projetos, 16 deles em cidades históricas e 49 em áreas urbanas (MUTAL, 2001). Dentre estes, um dos projetos foi destinado à cidade de Laranjeiras, porém o programa só executaria os restauros nos prédios de forma isolada com o objetivo de promover o turismo na cidade. Foram eles: um sobrado da Rua direita, um prédio ao lado do Paço Municipal e o velho Trapiche (Centro de Tradições).

Considerando seu status de sítio histórico tombado, a cidade Laranjeiras foi beneficiada por outro grande projeto de restauro, o Programa Monumenta, sendo escolhida, no ano 2000, para se candidatar para receber os recursos deste programa.

O Programa Monumenta teve um espectro de atuação bastante amplo, incluindo tanto cidades históricas já declaradas patrimônios nacionais como Outro Preto, Olinda, Goiás Velho, Diamantina, como cidades que possuem apenas um significativo conjunto de edifícios tombados no nível federal, caso da maioria das capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, etc. O programa era implementado

“a partir da assinatura de convênios firmados entre o Ministério da Cultura, prefeituras e/ou estados, no qual se estabeleciam as atribuições de cada uma das partes, os objetos de intervenção, o valor dos financiamentos e os prazos de execução das obras. Para acompanhar e conduzir as ações do Programa formavam-se equipes de técnicos do município ou do estado em conjunto com os do IPHAN para comporem as Unidades Executoras de Projeto – UEP(...) (SCHICCHI, 2012, 21-22).

Laranjeiras foi escolhida para área de atuação do Monumenta, tendo por foco preliminar a área central onde se localizava apenas um monumento tombado pelo IPHAN: a Igreja da Matriz. Contudo, em análise feita no Quarteirão dos Trapiches, a equipe do programa constatou que esse apresentava alguns prédios em estado de abandono e em processo de ruínas. Por esse motivo, a Unidade Executora do Projeto (UEP), junto com o IPHAN e os técnicos, fizeram a opção de incorporar o conjunto arquitetônico da Praça Samuel de Oliveira. Ainda buscaram como prioridade, a viabilidade e sustentabilidade do projeto em Laranjeiras com a implantação de uma Universidade, sendo escolhida a princípio a Universidade Tiradentes (UNIT), (MONUMENTA, 2003).

No ano de 2004, o Programa Monumenta foi aprovado, iniciando as ações de restauros. A ação na cidade de Laranjeiras também visava o desenvolvimento de atividades de educação patrimonial (SILVA e ROCHA, 2009).

No Caderno 2 e 3 do programa há descrição das análises dos prédios que seriam restaurados. Assim, no caso do Quarteirão dos Trapiches destacaram quatro edificações em ruínas: o Casarão da Praça Samuel de Oliveira 159, a ruína ao seu lado, a ruína em frente ao mercado e o trapiche Santo Antônio, sendo que o sobrado da Praça Samuel de Oliveira nº 117 e Antiga Exatoria estavam em melhor conservação (a Antiga Exatoria já teria passado por restauração na década de 1980). Todos esses prédios tiveram como proposta de restauro, recuperar a caixa mural e a volumetria, com algumas adaptações para alocar um campus universitário (MONUMENTA, 2003).

Segundo Costa (2013), a ideia da implantação do Campus Universitário de Laranjeiras foi debatida pela oficina de Planejamento Participativo organizado como uma definição estratégia do Programa Monumenta em Laranjeiras, no ano de 2000, em conjunto com o IPHAN, a Unidade Executora de Projetos (UEP) e representantes da comunidade. Então a proposta inicial para o restauro do quarteirão dos Trapiches, assim denominado pelo Programa, era entendido como uma paisagem urbana, caracterizada como uma obra de arte a ser restaurada, dessa forma a restauração não procederia na restauração de forma individual dos prédios em ruínas.

No entanto, a autora observa que durante a restauração dos seis prédios, optou-se em preservar a ruína do Trapiche Santo Antônio que se incorporaria a uma unidade figurativa da cidade. Desse modo, o seu interior foi transformado em uma praça. Os outros prédios passaram por um processo de remodelamento, resgatando a caixa mural, redesenhando de

forma mais contemporânea às cavidades internas, com o intuito de valorizar as estruturas remanescentes, e também privilegiar os espaços livres. Porém, o anteprojeto tinha o propósito de fazer um novo prédio para abrigar as salas de aula do Campus da Universidade Federal de Sergipe, o qual não foi aprovado pela Superintendência do IPHAN de Sergipe, estabelecendo que o Trapiche Santo Antônio precisaria alocar as salas e deveria ser coberto por um telhado da mesma forma do existente (COSTA, 2013, 95).

O programa também envolveu outros prédios como o casarão dos Rollemberg. Esse, por sua vez, era um prédio em ruínas e sem telhado, contendo a fachada e os pilares de sustentação. A proposta da restauração foi de recuperar a fachada, recolocar um novo telhado e fazer uma remodelação em toda parte interna, uma vez que depois de concluído iria ser instalado um restaurante ou uma lanchonete. O prédio ao lado desse casarão também foi restaurado, tendo como ideia dar continuidade ao casarão dos Rollemberg. A característica física do sobrado estava bastante comprometida; o segundo pavimento era de pau-a-pique, a proposta de restauração do prédio estava focada na recuperação da fachada e da volumetria, com o intuito de instalar repartições públicas municipais. Para complementar a dinâmica do Campus Universitário da UFS, o programa Monumenta também restaurou o teatro Santo Antônio, que depois de concluído abrigaria a biblioteca do Campus (figura, 7).

Atualmente, o programa de restauro que está em vigência é o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), destinado às cidades históricas em ação conjunta com o IPHAN, e os Governos Estadual e Municipal. A Cidade de Laranjeiras foi beneficiada pelo o programa, que apresenta uma lista de edificações que estão previstas para serem restauradas, a saber: a Casa de Folclore Zé Candunga, a igreja de Nossa senhora da Conceição dos Homens Pardos, a Capela Sant'Aninha, o Centro de Tradições, o prédio do Museu Afro-brasileiro de Sergipe, a Casa de Cultura João Ribeiro e a Ponte Nova (Ponte do Cangaleixo). O recurso para o projeto do restauro já está destinado desde o ano de 2013.

Assim, é possível perceber que os projetos e programas que atuaram em Laranjeiras junto ao patrimônio histórico e arquitetônico visaram apenas à restauração da edificação, sendo relegada à Arqueologia. Em nenhuma restauração as discussões provenientes das poucas escavações foram usadas na fase projetual. Arqueologia e restauração arquitetônica continuam sem um diálogo que as justifiquem como coparticipantes do processo. O mesmo ocorreu no estudo de caso apresentado nesta monografia, pois o projeto sequer foi apresentado e/ou discutido com os arqueólogos UFS, cabendo a estes o fazer uso do espaço

para ações de ensino e pesquisa, mas sem qualquer participação no projeto de restauro ou mesmo na determinação da funcionalidade do prédio (BARBOSA-GUIMARÃES, prelo; para estudo sobre o tema ver FERREIRA ET AL, 2009).

Sobre a participação da comunidade, apenas durante a pesquisa arqueológica é que foi realizada uma atividade de extensão do DARQ-UFS visando coletar narrativas e memórias em relação ao patrimônio edificado da cidade junto à população de Laranjeiras com gravação e filmagem dos depoimentos.

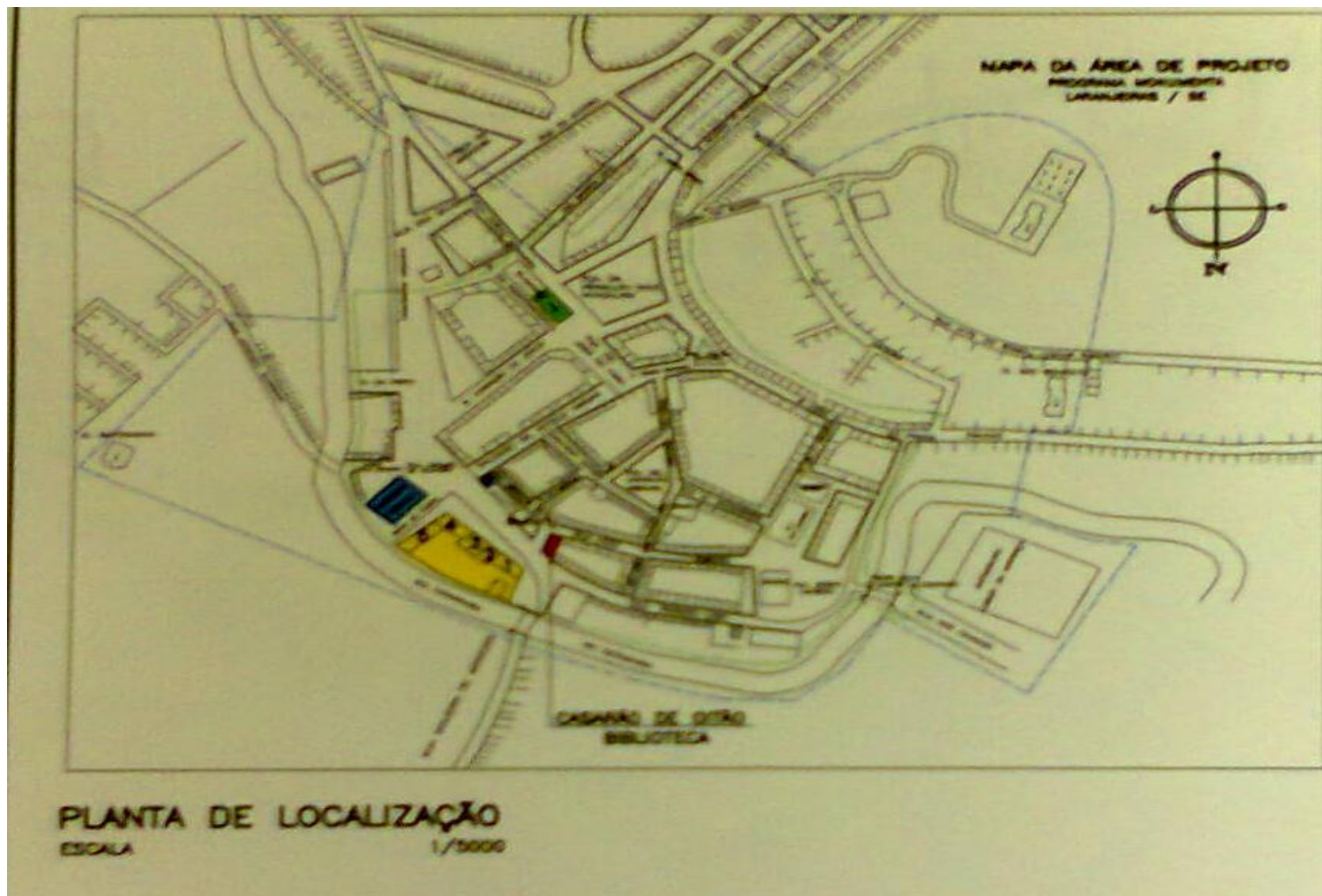


Figura 7- Mapa da Área do programa Monumenta Laranjeiras – SE. Em verde a Igreja da Matriz; o pequeno quadrado em azul é o Casarão dos Rollemberg e Sobrado ao Lado; em amarelo é o quarteirão dos Trapiches; o prédio em azul ao lado do Trapiche é Mercado Público esse não foi restaurado; o prédio que está em vermelho é o Casarão do Oitão. Fonte: COSTA, 2013.

2.3 Sítio Ruínas do Teatro de Laranjeiras

O Sítio Ruínas do Teatro São Pedro está localizado na Rua Pereira Lobo, no município de Laranjeiras, Estado de Sergipe, distante 20 km da capital Aracaju (Figuras 8 e 9).

No ano de 2012 esse sítio passou por um processo de intervenção arqueológica, coordenada pela Profa. Márcia Barbosa Guimarães da Costa, do Departamento de Arqueologia (DARQ), da Universidade Federal de Sergipe, em parceria com Ademir Ribeiro Junior, arqueólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e, posteriormente, com a participação do Prof. Paulo Bava de Camargo também do DARQ/UFS. O projeto de intervenção estava associado ao projeto de restauração empreendido pelo IPHAN e foi incorporado às atividades didáticas e de pesquisa efetuadas pelo DARQ e pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, ambos da UFS (BARBOSA-GUIMARÃES, 2013).



Figura 8 – Localização do sítio Ruínas do Teatro São Pedro de Laranjeiras: polígono marcado em vermelho. Base: Google Earth, 2013.



Figura 9 – Ao lado direito as Ruínas; ao lado esquerdo a antiga delegacia de Laranjeiras.

O sítio Ruínas do Teatro São Pedro é composto por ruínas de uma edificação que apresenta características ecléticas na sua fachada, sendo composta por dois pavimentos, a parede frontal (parede sul) e a lateral (parede oeste), com estrutura mista, com alvenaria de tijolos cerâmicos e pedra calcária com argamassa de barro e areia. As pedras são de formatos irregulares. Os pilares também são construídos em pedra calcária. No pilar da extremidade da parede sul há um avanço do que poderia ser o início de um arco em tijolo de cerâmica maciça, uma abertura que, possivelmente, promovia o acesso à outra parte da edificação, na parede leste (que já não existe). Através da observação e leitura arquitetônicas das ruínas (ainda visíveis, o que talvez se perca com as intervenções), percebe-se a diferença dos arcos do térreo para o pavimento superior. Na parede oeste, há dois pilares, um na extremidade direita e o outro antes do último vão de janela. Aproximadamente no centro da parede oeste existe um pilar em tijolo cerâmico maciço, com peças em ferro, inseridas posteriormente, para a consolidação da edificação, o que indica que a edificação foi alterada e integrada, demonstrando a multifuncionalidade do espaço (figuras 10 e 11) (RODRIGUES, 2014).



Figura 10 - Fachada principal das Ruínas do Teatro.

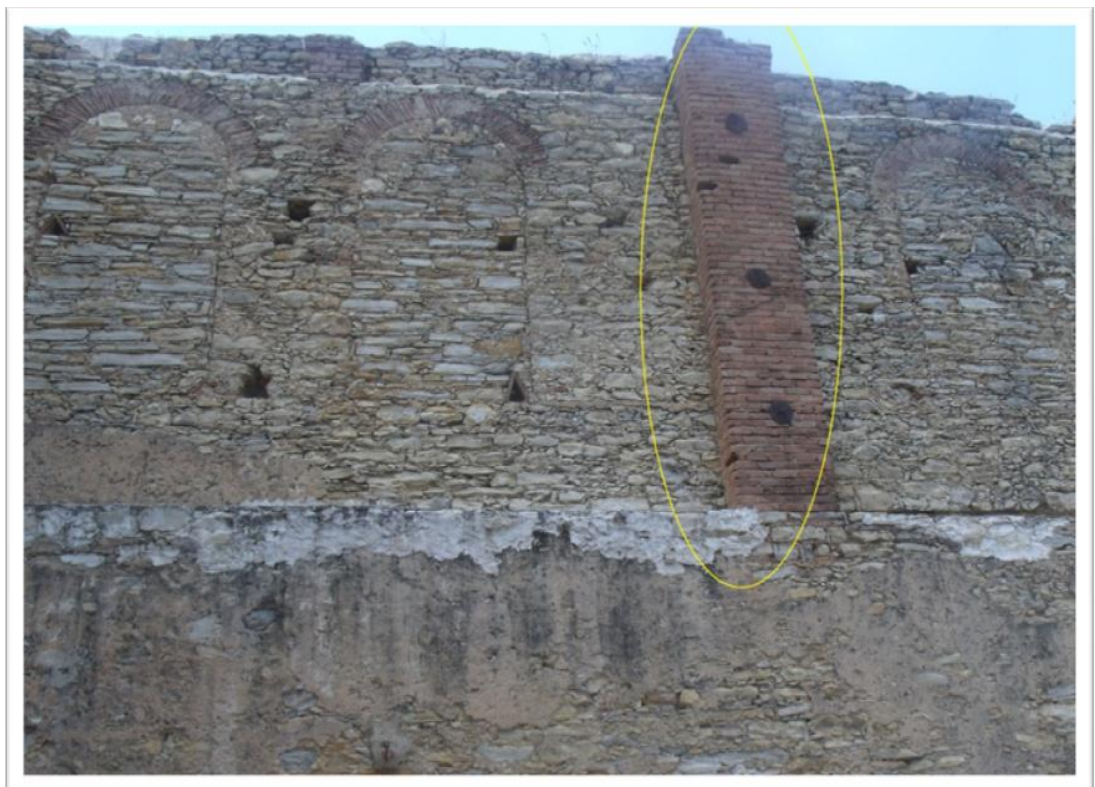


Figura 11 – Pilar em tijolo. Fachada oeste. Foto: Marcia Rodrigues.

Apesar de ser um bem tombado pelo Governo do Estado, através do Decreto – Lei nº94, de 22 de Junho de 1938, e pelo Governo Federal, através do Decreto – Lei nº 1.288-T89 de 08 de Março de 1996, a edificação encontrava-se em avançado estado de degradação, com apenas duas fachadas ainda erguidas, mas sustentadas por vigas de madeira.

O abandono em que o prédio se encontrava, antes da intervenção do IPHAN, demonstra a necessidade de políticas públicas mais eficazes voltadas para a recuperação e reocupação do patrimônio histórico existente em Laranjeiras. A edificação das Ruínas do Teatro faz parte da paisagem histórico-cultural da cidade de Laranjeiras, sendo um espaço que também representou e representa a memória dessa cidade que um dia chegou a ser cognominada “Atenas Sergipana” (DANTAS, 2009, p. 191). Já na segunda metade do século XX, mais uma vez, a cidade de Laranjeiras receberia outro título, a então “Atenas Sergipana” se tornaria dessa vez um “Museu a Céu Aberto”, assim denominada por possuir um expressivo conjunto arquitetônico como suas igrejas, seus sobrados e ruas calçadas de pedras.

Por considerarmos As Ruínas do Teatro São Pedro, não só por fazer parte deste cenário, mas principalmente por ter sido objeto de ação do Ministério Público impetrada contra o IPHAN, exigindo sua restauração e reativação, podem assumir importante papel na compreensão do processo de ressignificação e reapropriação do patrimônio edificado da cidade de Laranjeiras. Foi pensando assim que desenvolvi a monografia apresentada.

2.4 A Metodologia da pesquisa

Buscamos fazer uma análise sobre as Ruínas do Teatro São Pedro no discurso da coletividade, fazendo da multivocalidade um suporte da memória, ou seja, os diversos falares que possam existir sobre as Ruínas do Teatro São Pedro, uma edificação que representa, assim como outros prédios da cidade de Laranjeiras parte da paisagem arqueológica urbana. Um espaço que mesmo em ruínas é carregado de significados que possibilita abordagens no que tange a sua funcionalidade, tendo por base a construção de narrativas coletivas que se perpetuaram na memória da comunidade de Laranjeiras ao longo de mais de um século.

O método qualitativo com base na análise de narrativas orais acerca da funcionalidade da edificação foi o escolhido para a realização da pesquisa. Para tanto, fiz uso da técnica de entrevistas, com grande aplicabilidade nas Ciências Sociais visando à captação de dados

subjetivos. Optamos pela associação entre a técnica de entrevistas semi-estruturadas e abertas (LAKATOS, 1996).

De acordo com Quaresma (2005), as entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa, fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudam a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

As técnicas de entrevistas semi-estruturadas e abertas também têm como vantagem a sua elasticidade quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos. Além disso, a interação entre o entrevistador e o entrevistado favorece as respostas espontâneas. Elas também possibilitam uma abertura e proximidade maior entre entrevistador e entrevistado, o que permite ao entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados, ou seja, quanto menos estruturada a entrevista maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes. Desse modo, estes tipos de entrevista colaboram muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos. As respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes têm podem fazer surgir questões inesperadas ao entrevistador que poderão ser de grande utilidade em sua pesquisa. Tanto na entrevista aberta como na semi-estruturada, temos a possibilidade da utilização de recursos visuais, como cartões, fotografias, o que pode deixar o entrevistado mais à vontade e fazê-lo lembrar de fatos, o que não seria possível num questionário (SELLTIZ et al, 1987).

Assim, no meu estudo de caso busquei informações sobre a funcionalidade da edificação Ruínas do Teatro, tendo por público os moradores do centro urbano de Laranjeiras. Tendo como base as memórias dos moradores, partindo do pressuposto de que essas informações poderiam ter sido decodificadas das gerações passadas que se perpetuaram e foram sendo passadas de geração e geração. Assim, tivemos como direção sair do discurso considerado formal partindo, dessa forma, para um discurso mais popular.

Associada a entrevista, buscamos também apoio no levantamento documental e iconográfico buscando elucidar a nomenclatura e, conseqüentemente, a funcionalidade da edificação.

Sabido que a Arqueologia Pública busca o envolvimento do público acadêmico e o não acadêmico, o presente trabalho buscou despertar o interesse dos laranjeirenses e dos pesquisadores envolvidos, na valorização da memória como instrumento eficaz na compreensão do processo de ressignificação e reapropriação do patrimônio arqueológico, histórico e cultural. Portanto, a expectativa desse trabalho é que essas ruínas possam ser contempladas profundamente como um espaço de memória.

Para a realização desse trabalho primeiramente realizei o levantamento da bibliografia secundária visando construir meu suporte teórico-metodológico, por um lado, e compreender a história da cidade de Laranjeiras, por outro lado. A partir desse motivador estabeleci também como metodologia entrevistar os moradores da cidade na tentativa de tentar entender a relação desse prédio e sua importância para comunidade laranjeirense.

As entrevistas foram elaboradas com seis perguntas (Apêndice 1). Tendo por público alvo os moradores do centro urbano da cidade, elencamos, ainda, pessoas que moravam há muitos anos na cidade. Estabeleci como amostra assistemática o número de 40 entrevistados com idade acima de 30 anos e que residiam há pelo menos uma geração (25 anos) na cidade. Tais delimitadores foram importantes para a pesquisa, uma vez que estava trabalhando com um prédio com mais de cem anos. Assim, parti do pressuposto de memória geracional, ou seja, possivelmente esses entrevistados poderiam ter ouvido as pessoas mais velhas como pais, avós, parentes mais próximos, ou até mesmo vizinhos, comentarem sobre o uso da edificação como Teatro, pois acreditamos que a memória tem um papel importante para a construção e reconstrução desse espaço.

Devo frisar que os dados arqueológicos coletados e analisados por outros pesquisadores não farão parte deste estudo de caso, no entanto, serão utilizados nas considerações finais.

CAPÍTULO 3 – ERA UMA VEZ UM TEATRO...

3.1 Dados históricos e iconográficos

A presença de um Teatro denominado São Pedro não foi identificada na pesquisa documental realizada junto aos periódicos do acervo do Arquivo Público e Judiciário de Sergipe, nem junto aos Almanques comerciais e industriais como o Almanak do Rio de Janeiro (Almanak Laemmert) e Almanaque do Garnier, ambos disponíveis para consulta *on line* junto ao acervo da Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro). As referências existentes sobre a presença de um teatro na cidade de Laranjeiras remetem à primeira metade do século XIX, no periódico “*O Triumpho*”. Este periódico apresenta, para o ano de 1844, as companhias e peças em cartaz no denominado “*Theatro Publico*” de Laranjeiras.

Em anúncio publicado no periódico “O Larangeirense”, de 23 de setembro de 1888, há uma chamada do então advogado Fausto Cardozo onde lê-se a expressão “Theatro Novo” (figura 12) (RODRIGUES, 2014).

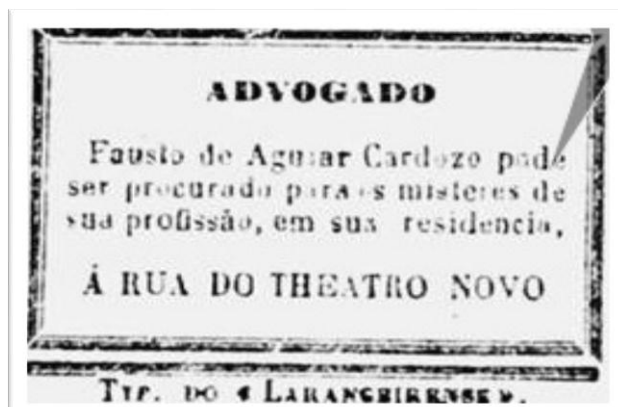


Figura 12 – Cópia do recorte do jornal O Larangeirense, de 23 de setembro de 1888. Retirado de Rodrigues (2014).

No Almanak Laemmert, as referências são genéricas sobre a existência de um Teatro Particular na cidade de Laranjeiras nas primeiras décadas do século XX (1900-1920). Acredito que estes dados remetam ao Teatro Santo Antônio, até hoje existente e que atualmente é ocupado pela Biblioteca da UFS.

Azevedo (1975) relata, sem citar as fontes, que esse prédio, que seria um teatro, nunca chegou a ser totalmente concluído. Donizete (2007) observa que a denominação de Teatro São Pedro para o prédio parece estar associada a uma suposta homenagem à D. Pedro II, que em 1860 visitou a cidade de Laranjeiras. Da mesma forma que o autor anterior, este não informa a fonte de onde coletou estes dados. Assim, pode até ter havido, por parte dos gestores públicos da época, a intenção de transformar a edificação existente em Teatro.

Ainda informações disponíveis no Almanak Laemmert, para o início do século XX, demonstram que na edificação funcionava o Trapiche Conceição de propriedade do Sr. Manoel de Mendonça Telles. Fazendo uma análise da edificação através da observação da iconografia do século XIX, apresentada na figura 12, é possível observar que uma das edificações apresentava cobertura do tipo aberta, sem parede nos fundos, permitindo grande ventilação. Ao lado esquerdo, outra cobertura, mais baixa, e possivelmente fechada em todo seu contorno, também é possível de ser observada (RODRIGUES, 2014) (Figura 12).

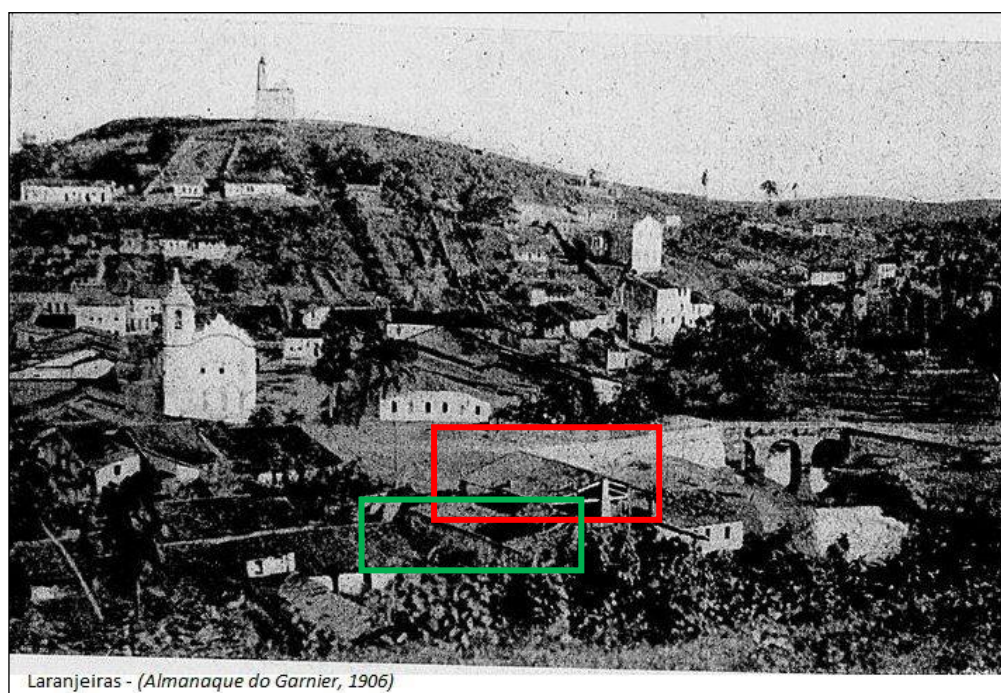


Figura 12 – A edificação no início do século XX: em verde a edificação mais baixa em estado de aparente abandono a julgar pelo destelhamento; em vermelho edificação com cobertura aberta com pé direito mais alto. Fonte: Almanaque do Garnier, 1906 .

Dessa forma, parece claro que este espaço tenha abrigado atividades econômicas e manufatureiras notadamente no final do século XIX e início do século XX. Pesquisa de

mestrado tem sido desenvolvida junto ao PROARQ/UFS sobre estes dados. Contudo, em relação a ter sido local de um teatro, os dados coletados deixam mais dúvidas do que certezas, principalmente considerando o período anterior ao século XIX.

Assim, a tradição oral assume um importante papel para a compreensão da funcionalidade do prédio. Da mesma forma, a importância das narrativas dos moradores permite compreender também a significação do patrimônio histórico e arqueológico da cidade de Laranjeiras.

3.2 As entrevistas

Quando parti para fazer as entrevistas, encontrei alguns empecilhos. O primeiro refere-se ao pouco tempo de estada em Laranjeiras dos moradores que residem na própria rua onde se encontra as Ruínas do Teatro São Pedro. Também encontrei moradores que não sabiam nada sobre Teatro, bem como aqueles que não quiseram ser entrevistados. Contudo, sabia que tais posturas fazem parte do processo de entrevistas. Assim, aumentei minha área de entrevistas, o que me possibilitou prosseguir até conseguir chegar ao objetivo traçado. Assim, foram entrevistados 40 moradores da cidade de Laranjeiras, homens e mulheres com a faixa etária entre 35 e 90 anos de idade.

O resultado das entrevistas se configurou da seguinte forma: quatro (4) moradores mencionaram que as Ruínas do Teatro São Pedro, quando esteve em atividade, funcionaram como Alfândega, sendo eles a senhora Maria do Carmo, 72 anos, e os senhores Mário Santos 66 anos e Heraldo Silva Santos, 65 anos, ambos naturais de Laranjeiras; e o senhor José Augusto, de 77 anos, residente na cidade há 50 anos, que reitera a informação de que ouviu dos moradores mais antigos que neste espaço funcionou uma alfândega (Gráfico 1).

Sobre esse caso é sabido que a cidade de Laranjeiras no ano de 1836, quatro anos depois de ter se tornado vila, tornou-se a primeira cidade do Estado de Sergipe a ter a primeira Alfândega do Estado, tendo por motivo sua importância comercial (FONTES, 2009).

Três (4) moradores mencionaram que as Ruínas do Teatro São Pedro serviu como trapiche, sendo um dos moradores o senhor Francisco dos Santos, de 70 anos, residente em Laranjeiras há 54 anos. Já a moradora Maria Valéria dos Santos, conhecida como “dona Caçulinha”, de 90 anos de idade, residente na cidade há mais de 60 anos, relatou que as

informações que obteve é que as Ruínas do Teatro São Pedro serviu como trapiche, também o morador Nelson Alves da Cruz, 51 anos de idade, residente na cidade há 50 anos, relatou que só ouviu falar que era trapiche. Por último, temos o senhor José Francisco da Silva, de 76 anos de idade, residente em Laranjeiras há 50 anos que também relatou que os antigos moradores falavam que nessas ruínas funcionou um trapiche, mas quando ele chegou para morar na cidade já encontrou a edificação em ruínas (Gráfico 1).

No caso das Ruínas do Teatro São Pedro ter funcionado como Teatro tivemos oito (8) moradores que mencionaram que já tinham ouvido falar que esse espaço funcionou como Teatro, mas que nunca alcançaram o mesmo em atividade sendo eles: Gilson Oliveira, de 71 anos de idade; Augusto César, de 38 anos de idade; Maria Valéria dos Santos “dona Caçulinha”, de 90 anos de idade, residente há mais de 60 em Laranjeiras; Maria de Lurdes Batista dos Santos, de 69 anos de idade, Maria José dos Santos, de 69 anos de idade, Evanete de França Alves, de 70 anos de idade, Hélia Silveira, de 52 anos de idade, e Leonea Tereza Franco, de 46 anos de idade, todos naturais de Laranjeiras (Gráfico 1).

Já referente à pergunta se eles já teriam informações sobre apresentações teatrais no local tivemos doze (12) moradores que relataram ter ouvido falar de apresentações sendo eles: o senhor Lailton dos Santos, de 65 anos de idade, a senhora Hélia Silveira; a senhora Maria Idalice Oliveira, de 89 anos de idade, natural de Laranjeiras relatou que ouviu dos seus avós que houve apresentações; o senhor Valmor Silva, de 61 anos de idade, natural de Laranjeiras, também relatou que ouviu dos avós que existiu apresentações; e o senhor José Augusto dos Santos, de 45 anos de idade, natural de Laranjeiras, relatou que só ouviu dos mais velhos que houve apresentações. Os demais além de afirmar que ouviram sobre a existência de apresentações teatrais destacaram como as apresentações aconteceram e ainda mencionaram os tipos de apresentações que ocorreram nesse espaço. Foram os seguintes moradores: a senhora Nam Almeida, de 61 anos de idade, natural de Laranjeiras, relatou que tinha apresentações teatrais da própria localidade e também de outras localidades; a senhora Sônia Borges, de 57 anos, natural de Laranjeiras, relatou que ouviu da mãe que existiram apresentações de peças teatrais e que esse espaço era muito frequentado pela sociedade da época; o senhor Uinaldo dos Santos, de 52 anos de idade, natural de Laranjeiras, relatou que no passado o teatro era para pessoas mais ricas e que os mais velhos diziam que chegaram a assistir apresentações de peças teatrais e de música clássica. A senhora Maria Valéria Santos, de 90 anos de idade, residente em Laranjeiras há mais de 60 anos, relatou que ouviu falar eram dramas e bailes apresentados no teatro. O senhor José Souza Aragão, de 72 anos de

idade, natural de Laranjeiras relatou que os mais velhos falavam que as apresentações ocorriam nos fins de semana começando na sexta e terminando no domingo.

Embora um grande número de moradores tenha relatado a funcionalidade das Ruínas como Teatro, inclusive com apresentações, e também como alfândega e trapiche, dezessete (17) moradores relataram que nunca ouviram falar que nesse espaço tenha ocorrido qualquer atividade das destacadas acima: a senhora Noelma Brito Santos, de 84 anos de idade, natural de Laranjeiras; a senhora Maria Josefa de Jesus, de 74 anos de idade, natural de Laranjeiras; a senhora Maria Aparecida Barreto de Almeida, de 66 anos de idade; a senhora Josiene Souza Torres, de 70 anos de idade, natural de Laranjeiras; a senhora Maria Helena de Jesus Andrade, de 51 anos de idade; a senhora Adélia de Jesus Santos, de 69 anos de idade; a senhora Maria do Carmo Santos, de 84 anos de idade, natural de Laranjeiras; a senhora Antônia Francisca Aragão, de 52 anos de idade, residente em Laranjeiras há mais de 35 anos; a senhora Rosivanda dos Santos, de 51 anos, natural de Laranjeiras; a senhora Gilvanete dos Santos Roque, de 67 anos de idade, natural de Laranjeiras; e a senhora Maria Gisélia Soares dos Santos, de 76 anos de idade, natural de Laranjeiras. Também os senhores, Emanuel Santos, de 67 anos de idade, natural de Laranjeiras; Valmor Silva, de 61 anos de idade, natural de Laranjeiras; Benedito Soares Santos, de 60 de idade, natural de Laranjeiras; Evaldo Menezes de Almeida, de 69 anos de idade, residente em Laranjeiras há 64 anos; o senhor Edgar dos Santos, de 79 anos de idade, residente em Laranjeiras há mais de 30 anos; e o senhor Jackson Sousa Santos, de 47 anos de idade, residente há 42 anos em Laranjeiras (Gráfico 1).

Tivemos também um número significativo de moradores que relataram sobre a vila que foi construída recentemente (década de 1950) dentro das Ruínas do Teatro. Foram doze (12) moradores que relataram, sendo eles: a senhora Hélia Silveira, de 52 anos de idade, natural de Laranjeiras; o senhor Heraldo Silva Santos, de 65 anos de idade, natural de Laranjeiras; o senhor José Augusto dos Santos, de 45 anos de idade, natural de Laranjeiras; a senhora Leonea Tereza Franco, de 46 anos de idade, natural de Laranjeiras; o senhor Lailton de Almeida Siqueira, de 65 anos de idade, natural de Laranjeiras; a senhora Maria José dos Santos, de 69 anos natural de Laranjeiras; a senhora Maria Helena de Jesus Andrade, de 51 anos de idade, residente em Laranjeiras há 49 anos; a senhora Maria Gisélia Sores dos Santos, de 76 anos de idade, natural de Laranjeiras; o senhor Valmor Silva, de 61 anos de idade, natural de Laranjeiras; a senhora Rosivanda dos Santos, de 51 anos de idade, natural de Laranjeiras; a senhora Antônia Francisca Aragão, de 52 anos de idade, residente em

Laranjeiras há 35 anos; e a senhora Josiene Souza Torres, de 70 anos de idade, natural de Laranjeiras.

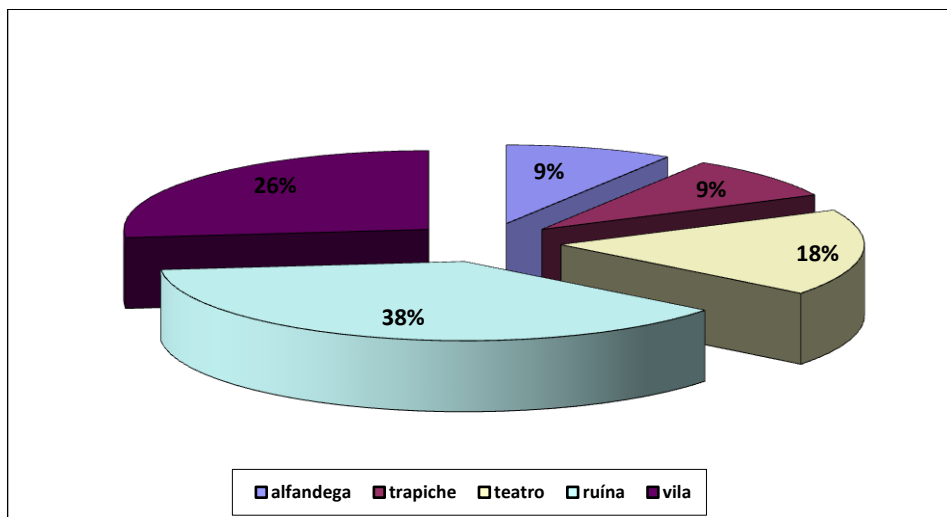


Gráfico 1 – Funções do sítio Ruínas do Teatro de acordo com as entrevistas.

Todos os entrevistados conhecem as Ruínas do Teatro São Pedro, e a maioria considera o local importante. Porém nem todos os entrevistados consideraram este espaço importante para a cidade de Laranjeiras. Segundo alguns moradores o motivo é por se encontrar em ruínas e, conseqüentemente, abandonado. Os entrevistados que relataram essa afirmação foram os seguintes moradores: o senhor José Augusto, de 77 anos de idade, residente em Laranjeiras há mais de 50 anos; o senhor Uinaldo dos Santos, de 52 anos de idade, natural de Laranjeiras; a senhora Maria Valéria Santos, de 90 anos de idade, residente em Laranjeiras há mais de 60 anos; Maria Gisélia Soares dos Santos, de 76 anos de idade, natural de Laranjeiras; Maria Santos, de 66 anos de idade, natural de Laranjeiras; Nam Almeida, de 61 anos de idade, residente em Laranjeiras há 60 anos; Maria Helena de Jesus Andrade, de 51 anos de idade, residente em Laranjeiras há 49 anos; e Luzinete Andrade da Silva, de 66 anos de idade, residente em Laranjeiras há mais de 30 anos (Gráfico 2).

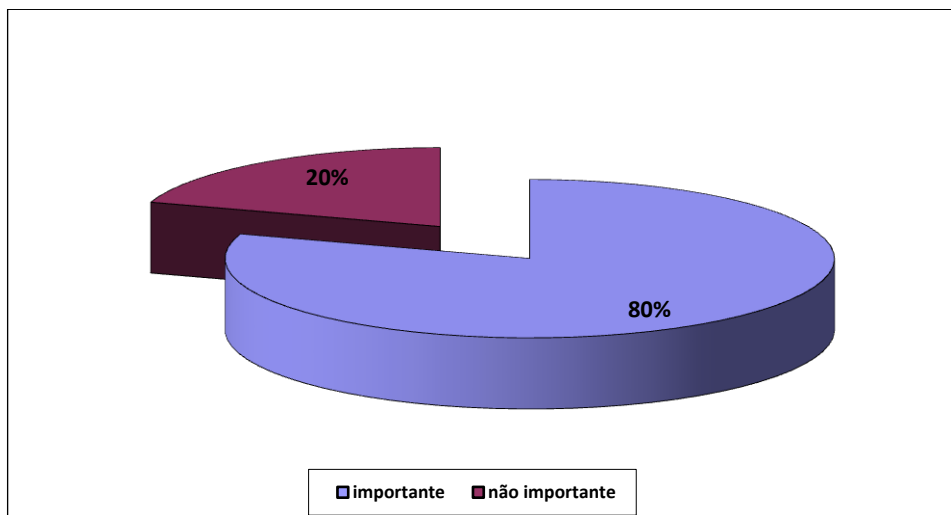


Gráfico 2 – Importância do sítio Ruínas do Teatro de acordo com as entrevistas.

Perguntei o que os moradores gostariam que fosse construído nas Ruínas do Teatro São Pedro. Dos quarenta (40) entrevistados, vinte e nove (29) relataram como primeira ou segunda opção que gostariam que fosse realmente reconstruído um Teatro. Segundo estes entrevistados, já que dizem que essas ruínas um dia chegou a abrigar um teatro, então que voltasse a ser teatro mais uma vez, explicando que dessa forma a cidade ficaria muito mais movimentada e teria maior crescimento com artistas de outros estados e locais, sendo ainda atrativo turístico para a cidade. Outras propostas de utilização do prédio foram: quatro (4) moradores gostariam que fosse construído um cinema; também quatro (4) gostaria; que fosse construída uma escola; dois (2) moradores queriam que fosse construído um asilo; dois (2) moradores gostariam que fosse construída uma casa de repouso para os drogados; um (1) morador gostaria que fosse construído um centro de convenções; um (1) morador gostaria que fosse construído um shopping; um (1) morador que gostaria que fosse construído um quartel; e por ultimo tivemos três (3) moradores opinaram que fosse construída alguma coisa sem especificar qual seria a função (Gráfico 3).

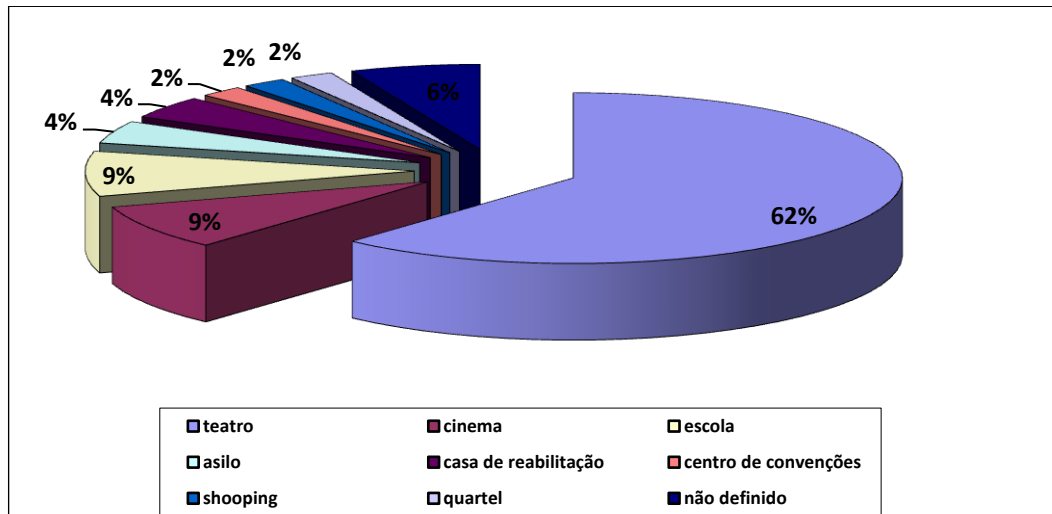


Gráfico 3 – Expectativas dos entrevistados em relação ao uso da edificação após a restauração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito da monografia foi analisar as Ruínas do Teatro São Pedro como espaço memória, dentro da proposta que é apresentada pela Arqueologia Pública. Embora meu trabalho não tenha se configurado como um estudo de Arqueologia Pública no seu todo, procurei incorporar conceitos advindos desta disciplina visando abrir o diálogo entre a comunidade de Laranjeiras e a Arqueologia praticada no local.

Assim, a Arqueologia Pública ao se construir a partir da multivocalidade, ou seja, dos diversos falares de uma sociedade, abre-se como um caminho extremamente interessante para o desenvolvimento da pesquisa arqueológica, envolvendo não só o saber formal mais principalmente o saber tradicional, calcado na oralidade.

Dentro do viés da Arqueologia Pública são desenvolvidas pesquisas voltadas aos temas como memória e identidade de grupos e comunidades que por muito anos foram excluídos da sociedade e mais ainda da Arqueologia praticada sob o viés positivista. Se a cultura material possibilita a construção e compreensão das histórias dos excluídos dos documentos oficiais, imagina a tradição oral que possibilita o contato com novos saberes e novos falares. Soma-se que a Arqueologia Pública se utiliza da História Oral para entender os processos de construção do patrimônio em sua totalidade, principalmente nos centros urbanos históricos onde muito do patrimônio cultural está relacionado a uma pequena parcela da sociedade representada pelas elites locais e regionais.

O desenvolvimento desse trabalho no âmbito da Arqueologia Pública se fez muito importante, pois envolveu a memória da comunidade laranjeirense. Assim, priorizei as narrativas para entender a materialidade representada pelas Ruínas do Teatro São Pedro, principalmente, a função da edificação considerando sua denominação de “Teatro São Pedro”. Dessa forma busquei valorizar os saberes locais e despertar o interesse dos moradores da Cidade em relação ao seu patrimônio urbano.

As pesquisas arqueológicas desenvolvidas nos espaços urbanos tem se utilizado da memória como recurso para a construção do passado numa dinâmica de constante transformação, que faz dos indivíduos negociadores ativos das regras sociais e da sociedade.

Dentro da dinamicidade, a Cidade de Laranjeiras no século XIX tornou-se uma das principais cidades da província de Sergipe, um polo comercial, educacional e cultural, tendo como testemunho material seu patrimônio edificado.

Estas construções, nos últimos anos, vêm sendo recuperadas através de incentivos aos programas e projetos de restauros, principalmente o patrimônio arquitetônico do século XIX que estavam em estado de arruinamento, mas que depois do restauros formaram um novo sentido na paisagem urbana da cidade.

Nessa pesquisa também foi possível fazer análise da paisagem urbana de Laranjeiras que me permitiu observar seu crescimento rápido e desordenado e, conseqüentemente, de pouca duração.

No que concerne ao sítio Ruínas do Teatro São Pedro, dentro de uma leitura arquitetônica esse prédio apresentou alterações em sua estrutura o que representa a sua multifuncionalidade.

O estudo das fontes documentais pesquisadas e da análise da documentação iconográfica não permitiu divisar, com segurança, que o prédio teria abrigado um teatro. Algumas indicações apontam para esta possibilidade como é o caso da denominação de “Theatro Novo” encontrado em período local da segunda metade do século XIX. Assim, se há um teatro novo se pressupõe que teria existido um teatro velho. No entanto ficou constatada, nas informações disponíveis, a funcionalidade de um trapiche e de uma fundição no início do século XX.

Contudo, o uso da Tradição Oral, nosso objetivo maior, demonstrou a importância do saber tradicional para a pesquisa arqueológica histórica, notadamente para o contexto urbano.

A opção por fazer as entrevistas sobre as Ruínas do Teatro São Pedro está relacionada à crença de que as narrativas orais dentro da leitura da Arqueologia Pública transformam as pessoas em agentes ativos de suas histórias, e faz da memória integrante fundamental do conhecimento arqueológico.

Então as análises das entrevistas demonstraram que esse prédio teve diversas ocupações, transformando-o em lugar de memória.

Assim é que alfândega, trapiche, fundição, teatro, vila e ruína estiveram presentes nas narrativas sobre a história de ocupação do prédio, sendo o teatro, aquele que me interessava

particularmente, ocupando uma posição de destaque com narrativas sobre peças e músicas que envolviam gerações passadas.

Essas entrevistas se inseriram como parte formadora do conhecimento e se tornaram muito importante para o conhecimento da importância do prédio ao longo de sua existência. Embora a sua importância tenha sido desapreciada por alguns entrevistados, devido o seu estado de abandono, muitos relatam a vontade por sua restauração como um teatro, fortalecendo ainda mais a cidade no âmbito cultural.

A Arqueologia Pública como um campo democrático adota a subjetividade que faz da prática arqueológica uma pesquisa que não é absoluta, abrindo outros tipos de leituras dos diversos trabalhos que podem ser reavaliados. Assim esta abordagem adquire um caráter mais social para a Arqueologia.

Esta pesquisa se fez muito importante no processo de entendimento da importância das Ruínas do Teatro São Pedro para a cidade de Laranjeiras. Portanto, o envolvimento da Arqueologia Pública e da comunidade Laranjeirense em uma leitura do patrimônio cultural demonstrou ser um campo altamente fértil para as pesquisas acadêmicas relacionadas à história da cidade.

Embora o foco tenha centrado na importância da fonte oral para os estudos de Arqueologia Urbana foi possível, a partir das entrevistas realizadas, perceber que o patrimônio histórico e arquitetônico de Laranjeiras, mesmo estando em ruínas, é bastante significativo para a população entrevistada. Na mesma proporção, a comunidade laranjeirense é extremamente importante para se compreender a cidade, principalmente nos estudos das Ciências Humanas e Sociais.

REFERENCIAS BIBLIGORÁFICAS

AZEVEDO, Paulo Ormino David de. (Coord.) **Plano Urbanístico de Laranjeiras**, Salvador: UFBA – GRAU/ SUDOPE- ENSETUR, V.1, 1975.

CAINO, Jonathan Santos. **Arqueologia e Memória: Por um Passado mais Inclusivo Para o Município de Cruz Alta, RS**. X Encontro Estadual de História, O Brasil no Sul: Cruzando Fronteiras Entre o Regional e o Nacional, Santa Maria. RS, 2010.

CARVALHO, Aline Vieira de; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia pública: as relações entre a academia e sociedade. História e-História**. 24 de março de 2009. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=arqueologia&id=31>. Acesso em: 03 agost. 2013.

CARVALHO, Aline Vieira de; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. “**Arqueologia e patrimônio no século XIX**”, As perspectivas abertas pela Arqueologia Pública. 2007. Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2007/CARVALHO,%20A.V%20e%20FUNARI,%20P.P.A.pdf>. Acesso em: 04 agost. 2013.

CARVALHO, Aline V; MENEZES, Victor Henriques. **Práticas em Arqueologia pública: considerações acerca do projeto “LAP com as escolas”**. Edição Especial- ANAIS I Semana de Arqueologia “Arqueologia e Poder”, 2013.

COSTA, Tatiana Carvalho. **A arqueologia como instrumento de preservação do patrimônio arquitetônico: a “Restauração do Quarteirão dos trapiches” de Laranjeiras / SE**, Dissertação (Mestrado em arqueologia), Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2013. 130. P.

DANTAS, Beatriz Góis. **Laranjeiras: entre o passado e o presente**, NOGUEIRA, Adriana Dantas; SILVA, Eder Donizeti da (Organizadores). O Despertar do Conhecimento na Colina azulada: a Universidade Federal de Sergipe Vol. II. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2009. 200 p.

DONIZETI, Eder da Silva; NOGUEIRA, Adriana Dantas. Nunes, Verônica Maria Menezes; Nogueira, Adriana Dantas (Organizadores). **O Despertar do Conhecimento na Colina Azulada: a Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2007. 390 p.

FERNANDES, Tatiane Costa. **Vamos criar um Sentimento?!** Um olhar sobre a Arqueologia Pública no Brasil. 2008. 2012 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.scientiaconsultoria.com.br/site2009/pdf/estudos/ArqueologiaPublica.pdf>. Acesso em: 01 maio. 2013.

FERREIRA, Ton; OLIVEIRA, Vanessa; SANTANA, Marcos. Monumentos restaurados e história em ruínas: as intervenções arqueológicas no sobrado do IPHAN em São Cristóvão/SE. **Vestígios**, 3(2): 31-53. 2009.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: Trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/ IPHAN, 1997. P. 316.

FONTES, Aglaé d'Ávila. **Cartilha Cultural de Laranjeiras**. Iphan – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Aracaju, 2009. 116 p.

FRANÇA, Jéssika Paiva. **Gestão dos espaços públicos de lazer, turismo e paisagem urbana/Belém-PA**. Caderno virtual do turismo 5.2 (2005) P. 57-62.

FREDEL, Karla. **Sítios Arqueológicos Urbanos Contextos Sociais – Cultura Material**. II CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades Belo Horizonte, de 8 a 11 de outubro de 2013.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. **A Arqueologia Pública na América Latina e seu contexto mundial**. Locus (Juiz de Fora), Campo Grande, v. 6, n.11, 2002 p. 87-96.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu; ROBRAHN-GONZALEZ, Erika M. **Editorial Arqueologia Pública na América Latina**. Revista Arqueologia Pública, São Paulo, N° 2, 2007.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu; SANDRA de Cássia Araújo Pelegrini. **Patrimônio histórico e cultural**. Vol. 66. Zahar, 2006.

GASPAR, Maria Dulce. **Arqueologia, cultura material e patrimônio. Sambaquis e cachimbos.** Cultura material e patrimônio da Ciência e Tecnologia. Rio de Janeiro: MAST/CNPq, 2009. P. 39-52.

GNECCO, C. **Da Arqueologia do passado à Arqueologia do futuro: Anotações sobre Multiculturalismo e Multivocalidades.** Amazônica 2 (1):2010. P. 92-103.

GOMES, Adriano Lopes. **As narrativas orais na reconstituição da memória radiofônica: um estudo de caso.** IN V Encontro dos Núcleos de Pesquisa do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2005.

HARRES, Marluza Marques. **História oral: algumas questões básicas.** Anos 90, Porto Alegre, V.15, n 28, dez. 2008. P. 99- 112.

HODDER, Ian. **Theory and Practice in Archaeology.** Routledge: London e New York, 1995.

MONUMENTA/ IPHAN - Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Perfil do Projeto: Laranjeiras Sergipe.** Programa Monumenta, Caderno 01, Dez. 2003.

MONUMENTA/ IPHAN - Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Perfil do Projeto: Laranjeiras Sergipe.** Programa Monumenta, Caderno 02, Dez, 2003.

JOHNSON, Matthew. **Teoría Arqueológica: uma introducción.** Ariel: Barcelona, 2000.

JOUTARD, Philippe. **Desafios à História Oral do Século XXI.** In: ALBERTI, Verena et al. (Orgs.). **História Oral: desafios do século XXI.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz /CPDOC – FGV, 2000. P. 31 – 45.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa.** 3a edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LIMA, Tania Andrade. **Arqueologia Histórica no Brasil: um balanço bibliográfico (1960-1991).** Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 1, n. 1, 1993 p. 225-262.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA Adriana Kivanski de. **História oral como fonte: problemas e métodos.** Historia e, Rio Grande, 2, (1). 2011. P. 95-108.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **A cultura material no estudo das sociedades antigas.** Revista de História 115, 1983. P. 103-117.

MUTAL, SYLVIO. **Cidades y centros históricos de América Latina y el Caribe: 50 anos de trayectoria (1950-1990)**. In CARRIÓN, Fernando (editor) centros históricos de América Latina y el Caribe. Quito: FLACSO Ecuador/ Ministério de cultura y comunicacion. Francia/ UNESCO/ BID, 2001. P. 113- 138.

NETTO, Andreia Herket; ALVES, Heliana de Moraes. **A Paisagem Cultural e a Memória Urbana Geográfica: Breves Reflexões**. 2011.

NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Provincial II (1840/1889)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Aracaju, SE: Banco do Estado de Sergipe, 2006.

OLIVEIRA, Filadelfo Jônatas de. **Registros dos Fatos Históricos de Laranjeiras**. Revista e anotada 2º edição, Aracaju, 2005. 266 p.

PASSOS SUBRINHO, Josué Modesto dos. **História Econômica de Sergipe (1850-1930)**, UFS, Programa Editorial da UFS, Aracaju, 1987.

PEIXOTO, Luciana da Silva, **Cultura Material e memória Social**. Arqueologia Histórica, Memória e Patrimônio Em Perspectiva Multidisciplinar, pelotas, 2009.

QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC 2005.

REIS, Alberione dos, **“Lidando com as Coisas Quebradas da História”**. Revista Arqueologia Pública, São Paulo, N° 2, 2007.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika Marion. **Arqueologia em Perspectiva: 150 anos de Prática e Reflexão no Estudo de Nosso Passado**. Revista USP, São Paulo, n.44, dezembro/fevereiro 1999-2000. P. 10-31 Disponível em <http://scholar.google.com.br/>, acessado em 14/ 5/ 2014.

ROCHA, Luciana Machado Ribeiro e; SILVA, Cynara Ramos. **Trapiche: projeto e obra**, NOGUEIRA, Adriana Dantas; SILVA, Eder Donizeti da (Organizadores). O Despertar do Conhecimento na Colina azulada: a Universidade Federal de Sergipe Vol. II. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2009. 200 p.

RODRIGUES, Donizete. **Patrimônio cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica**. UBIImuseum n, 2012.

SÁNCHEZ, Jaime Almansa. **Arqueologia para todos los públicos. Hacia una definición de la Arqueología Pública “ A la Española”**. 2011. Disponível em <http://scholar.google.com.br/>, acessado em 14/ 5/ 2014.

SCHICCHI, Maria Cristina da Silva. **O Programa Monumenta e o modelo de centros históricos das cidades brasileiras**. Programa de pós-graduação em urbanismo- PUC-Campinas, PAR, Vol.3. N.8, 2012. P. 16-34.

SCHÜTZER, Kléber. **A percepção do pedestre sobre a qualidade da paisagem urbana**. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos (2010). Disponível em <http://scholar.google.com.br/>, acessado em 14/ 5/ 2014.

SELLTIZ, Claire et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. Tradução de Maria Martha Hubner de Oliveira. 2a edição. São Paulo: EPU, 1987.

SILVA, Bruno Sanches Razani de. **Das ostras só as pérola: arqueologia pública e Arqueologia subaquática no Brasil**. 2011. 238 f. Dissertação (Mestre em Antropologia) Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VCSA-8MJHER/silva_das_ostras_s_as_p_rolas_arqueologia_p_blica_e_arqueologia_subaquatica_no_brasil.pdf?sequence=1.

SILVA, Cynara Ramos; ROCHA, Luciana Machado Ribeiro e. NOGUEIRA, Adriana Dantas; SILVA, Eder Donizeti da (Organizadores). **O Despertar do Conhecimento na Colina azulada: a Universidade Federal de Sergipe Vol. II**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2009. 200 p.

SYMANSKI, Luís Cláudio; GOMES, Flávio. **Da Cultura Material da escravidão e do Pós-Emancipação: Perspectivas Comparadas em Arqueologia e História**. Revista de História Comparada, v. 7, n. 1, p. 293-338, 2013. Disponível em <http://scholar.google.com.br/>, acessado em 14/ 5/ 2014.

Site Consultado:

<http://portal.iphan.gov.br/>, acessado em 19/ 08/ 2014

APENDICE

Questionário de Entrevista

Nome: Maria Valéria Santos (Dona Caçulinha).

Idade: 90 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Mora Há mais de 60 anos em Laranjeiras.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Já conheci como ruínas.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Sempre soube que ele era teatro, o conheci já sem portas, nem janelas tinha mais ele já estava caído, soube também que ele funcionou como Trapiche.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Já ouvi que tinha apresentações sim os tipos de apresentações que tinha era dramas, bailes.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Do jeito que ele está não acho importante.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Queria que fosse construído um asilo para os idosos, pessoas que não tem ninguém para cuidar, assim reaproveita o prédio.

Questionário de Entrevista

Nome Nam Almeida.

Idade 61 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Moro há 60 anos.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Só conheci em ruínas.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Sei da existência do teatro que havia apresentações com peças teatrais vindo de outras localidades e também daqui.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Sim tanto da nossa cidade como de outras localidades.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Na situação em que se encontra hoje não. Mas depois de reconstruído seria um bom presente para Laranjeiras.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

O próprio teatro com todas as honras que Laranjeiras merece.

Questionário de Entrevista

Nome José Souza Aragão.

Idade 72 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Há 71 anos que moro aqui.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Sim ao lado da antiga delegacia.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Cheguei alcançar ele com uma parte coberta e com todas as paredes, a parte do lado da delegacia era coberto, acho que com a enchente de 1963, ele foi perdendo suas paredes.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Os antigos falavam que ele foi teatro e que nos fins de semana sexta até domingo tinha apresentações de teatro.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

É sim, e se voltar o teatro melhor ainda.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Queria que voltasse a ser teatro e que era antes para a juventude.

Questionário de Entrevista

Nome Hélia Silveira.

Idade 52 anos

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Há 52 anos, nasci e me criei aqui.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Sim eu conheço.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Já alcancei ele assim, agora de anos pra cá construíram casas. Era uma vila

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Ouvi falar que era teatro sim e quando ele era teatro tinha apresentações.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Acho importante sim e devia continuar.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Que continuasse teatro, ou para os alunos de Arquitetura ou Arqueologia.

Questionário de Entrevista

Nome José Augusto.

Idade 77 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Há 50 anos que moro aqui, mas eu nasci aqui.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Já conheci daquele jeito.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Dizem que era pra ser teatro, mas nunca funcionou, dizem que era uma alfândega.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Nunca ouvi falar que houve apresentações.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Não nunca foi inaugurado, então não foi importante.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Uma escola de aprendizagem para a juventude.

Questionário de Entrevista

Nome Mário Santos.

Idade 66 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Nascido e criado em Laranjeiras.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço daquele jeito toda vida alcancei ele assim.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Dizem que ele foi fundição, alfândega e armazenava algodão trazido em saveiros.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Nunca existiu apresentação.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Não seria importante se ele tivesse bem construído.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Gostaria que ele fosse teatro para ter muitas apresentações para o povo Laranjeirense e para os de fora da cidade.

Questionário de Entrevista

Nome Francisca dos santos.

Idade 70 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Há 54 anos que moro aqui.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Sim conheço.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Eu sempre vi ele daquele jeito, ouvi falar que ali era um trapiche que armazenava açúcar.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Eu nunca ouvi falar que ali era teatro se teve não foi do meu alcance.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Pra mim ele é e já deveria ser consertado. Ele também é Patrimônio.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Gostaria que ele fosse reformado para não ficar abandonado. Pelo menos fazer algo.

Questionário de Entrevista

Nome Maria do Carmo.

Idade 72 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Nasci e me criei em Laranjeiras.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço sim.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Ele era do mesmo jeito em ruínas.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Não nunca, falam que ali funcionou uma alfândega.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

É importante se reconstruir.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Um colégio para a juventude estudar, para aumentar o número de colégio que tem pouco de ensino médio antigo 2º grau.

Questionário de Entrevista

Nome Heraldo Silva Santos.

Idade 65 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Desde quando nasci.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço como ele está.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Sei que o teatro já era assim em ruínas, também construíram várias casinhas que eram quartos de vila.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Dizem os mais velhos que ele funcionou como alfândega.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Mais é claro que sim e fundamental, além disso, os moradores conscientes procuram zelar pela fachada.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Mantida a fachada, o ideal seria a reconstrução do teatro, a construção do teatro para ser utilizado pelos os alunos de teatro da UFS.

Questionário de Entrevista

Nome José Augusto dos Santos.

Idade 45 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Moro há 45 anos.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Eu conheço do jeito que tá.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Já conheci daquele jeito, mas tinha uma vila lá.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Eu ouvi falar dos mais velhos que tinha. Eu era menino quando ouvia.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Se é histórico é importante.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Um cinema porque em laranjeiras nunca teve, em um teatro também seria bom.

Questionário de Entrevista

Nome Maria Idalice Oliveira.

Idade 89 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Nasci e me criei aqui.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço sim.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

As ruínas velhas, era um sobrado. Ele tinha portas grandes, ele sempre foi assim.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Os mais velhos falavam que tinha, mas eu nunca alcancei.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Acho importante sim.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Quero que seja construído um teatro.

Questionário de Entrevista

Nome Augusto César.

Idade 38 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Há 38 anos.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço sim.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Desde que me conheço como gente está daquele jeito.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

As pessoas falavam que era teatro.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

acho sim, além de ser histórico é fundamental para cidade vai chamar turista beneficiando a cidade.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

O próprio teatro ou escola o que importa é preservar.

Questionário de Entrevista

Nome Sônia Borges.

Idade 57 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Há 57 anos.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço, quando me entendi como gente já estava em ruínas.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Minha mãe falava que ali era teatro.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Os mais velhos falavam que tinha apresentações e que era frequentado pela a sociedade da época com peças teatrais.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

É sim e bom que ele voltasse a ser teatro.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

O próprio teatro para os jovens e os idosos para diversificar os papéis.

Questionário de Entrevista

Nome Gilson Oliveira.

Idade 71 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Nasci e me criei aqui.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço sim.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Conheci daquele jeito, dizem que tinha teatro, mas eu nunca alcancei, ele também tinha telhado, mas depois acabou.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Falavam que tinha apresentação.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Considero sim.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Alguma coisa pública com segurança.

Questionário de Entrevista

Nome Leonea Tereza Franco.

Idade 46 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Há 46 anos.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço é perto do quartel.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Na minha época tinha casa ali alugada ele já era desse jeito.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Os mais velhos falavam que era teatro.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Acho importante se for reformado.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

um Quartel.

Questionário de Entrevista

Nome Evanete de França Alves.

Idade 70 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Há 70 anos nasci aqui.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço daquele jeito.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Não sei de nada os que sabiam já morreram, tem muito tempo.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Dizem que ele foi teatro, mas não sei como era as apresentações e nunca ouvi.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

É importante porque é uma lembrança dos antigos do que ele representou.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

O mesmo teatro que seria melhor para a cidade.

Questionário de Entrevista

Nome Edgar dos Santos.

Idade 79 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Moro há mais de 30 anos aqui.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço sim.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Já vi ele daquele jeito.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Nunca ouvi falar que houve apresentações.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

É importante sim.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

O teatro mesmo é muito importante e vai dar valor à cidade.

Questionário de Entrevista

Nome Lailton de Almeida Siqueira.

Idade 65 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Há 65 anos nasci e me criei aqui.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço sim.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Desde que eu me alcanço como gente ele está daquele jeito, tinha casa de vila dentro dele.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Através dos mais velhos já ouvi falar que tinha apresentações de teatro.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Acho sim.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Que voltasse a ser teatro mesmo seria um atrativo para a cidade.

Questionário de Entrevista

Nome Maria de Lurdes Batista dos Santos.

Idade 69 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Há 69 anos que moro em Laranjeiras.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço do jeito que está.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Eu ouvi falar que era teatro, mas sempre vi ele do mesmo jeito.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Nunca ouvi falar que houve apresentações, só soube que ele era teatro

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

É importante porque toda vida foi importante.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

O teatro de novo porque sempre foi teatro.

Questionário de Entrevista

Nome Maria José dos Santos.

Idade 69 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Moro aqui desde quando nasci.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço sim.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Sei que ele era um teatro, também já uma vila dentro dele.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Nunca ouvi falar que houve apresentações.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Acho muito importante sim.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

O mesmo teatro vai trazer benefício para a cidade, vai vir mais turistas até assim mesmo ele já atrai turistas que vem e tiram fotos.

Questionário de Entrevista

Nome Ulnaldo dos Santos.

Idade 52 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Moro os 52 anos, nasci e me criei aqui.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço fica ao lado da antiga delegacia.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Antigamente dizia que era teatro dos ricos eu alcancei ele em ruínas.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Os antigos diziam que chegaram assistir apresentações lá que tinha peças teatrais e músicas clássicas.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Do jeito que ele está não, mas se restaurasse sim ele seria importante para a cidade.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Que fizesse um teatro municipal ele vai trazer muitas apresentações e vai vir muitos turistas, cresceria mais a cidade.

Questionário de Entrevista

Nome José Francisco da Silva.

Idade 76 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Moro aqui há mais de 50 anos.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço ele daquele jeito.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Quando cheguei aqui não existia nem mais teatro e nem trapiche de açúcar, só se depois que terminou o trapiche ele ficou como teatro.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Falavam que era teatro, mas ouvi falar de apresentações.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

É importante porque quando vinha a festa do encontro cultural faziam a festa ali que era muito bonito.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

O que construir ali será muito importante para todos os Laranjeirenses.

Questionário de Entrevista

Nome Luzinete Andrade da Silva.

Idade 66 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Há mais de 30 anos aqui.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço fica ao lado da antiga delegacia.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Não sei já conheço ele daquele jeito.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Já ouvi falar sim, mas isso ocorreu tem muitos anos.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Do jeito que ele está não acho importante.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Que fosse feito uma casa de repouso para as pessoas viciadas em drogas.

Questionário de Entrevista

Nome Maria Helena de Jesus Andrade.

Idade 51 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Há 49 anos que moro aqui.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço fica ao lado da antiga delegacia "o castelo".

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Desde o tempo que eu conheço é do mesmo jeito, tinha as casinhas de lado.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Não nunca ouvi falar que teve apresentações.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Não acho e do jeito que tá é horroroso.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Uma coisa que beneficiasse as pessoas, até o teatro novamente.

Questionário de Entrevista

Nome Maria Gisélia Soares dos Santos.

Idade 76 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Há 76 anos que moro aqui.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço sim.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Ele era um sobrado não tinha nada mais nele, ali já teve uma vila.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Nunca ouvi falar que houve apresentações, ele estava mais em pé antes e hoje ele está daquele jeito.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Como ele está não acho importante para a cidade.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Um cinema ou o próprio teatro para os alunos que estudam na UFS.

Questionário de Entrevista

Nome Jackson Sousa Santos.

Idade 47 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Moro há 42 anos.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço as ruínas do teatro sim.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

O que se tem notícia é que ele nunca foi inaugurado, dizem que ele foi construído para recepcionar D. Pedro em sua visita a Laranjeiras.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Não se tem notícia de nenhuma apresentação.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Sim, por fazer parte da nossa história e do no patrimônio material.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Um teatro ou centro de convenções.

Questionário de Entrevista

Nome Benedito Soares Santos.

Idade 60 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Há 60 anos, nasci e me criei em Laranjeiras.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço sim ao lado da antiga delegacia.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Sempre alcancei naquela estrutura montada, nunca teve movimento ali.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Nunca ouvi falar que teve apresentações e nem que era teatro.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

É importante e principalmente se nossos governantes abrissem os olhos.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Já que se comenta que era teatro era bom se desse sequência.

Questionário de Entrevista

Nome Nelson Alves da Cruz.

Idade 51 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Tem 50 anos que moro aqui.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço sim.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Conheço daquele jeito, nunca ouvi falar que ali era teatro, ouvi falar que ali era trapiche.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Nunca ouvi falar que teve apresentações.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Acho importante sim, até porque faz parte do patrimônio.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Um asilo para os idosos, uma casa de repouso.

Questionário de Entrevista

Nome Evaldo Menezes de Almeida.

Idade 69 anos

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

64 anos que moro aqui.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço fica vizinho ao quartel.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Conheço ele daquele jeito em ruínas.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Não nunca ouvi falar que houve apresentações.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

É importante demais é um local muito ótimo, na praça defronte ao teatro tinha apresentações de folclore.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Um teatro mesmo porque vai chamar turista, teatro é coisa muito famosa.

Questionário de Entrevista

Nome Valmor Silva.

Idade 61 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Há 61 anos, nasci e me criei aqui.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço, mas sempre conheci daquele mesmo jeito.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Nunca ouvi falar que ali existiu teatro ao lado tinha uma vila.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Meus avós falavam que teve apresentações, mas eu nunca vi.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Considero muito importante para cidade sim.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Como dizem que tinha teatro, então eu gostaria que voltasse a ser teatro que seria muito importante para a cidade.

Questionário de Entrevista

Nome Emanuel Santos.

Idade 67 anos

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Há 67 anos, nasci e me criei aqui em Laranjeiras.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço daquele jeito.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Só sei ele daquele jeito toda vida passei sempre por ele e ele daquele jeito

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Não nunca ouvi falar que houve apresentações.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

É importante porque fica no centro da cidade.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Gostaria que fosse construído um colégio.

Questionário de Entrevista

Nome Adélia de Jesus Santos.

Idade 69 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Moro aqui há mais de 30 anos.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço sim. Fica ao lado da antiga delegacia.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Sempre conheci ele daquele jeito.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Nunca ouvi falar que ali teve apresentações.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

É importante sim, antigamente ele era mais desprezado.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Gostaria que fosse construído um teatro pelo menos chamava mais a atenção e vai dar mais valor a cidade.

Questionário de Entrevista

Nome Maria do Carmo Santos.

Idade 84 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Há 84 anos, nasci e me criei aqui.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

O conheço sim fica ali na rua da poeira.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Já conheci daquele jeito abandonado.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Nunca ouvi falar que ali foi teatro.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

É importante porque cresce a cidade.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Alguma coisa importante, pode ser um teatro ou escola.

Questionário de Entrevista

Nome Rosivanda dos Santos.

Idade 51 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Há 51 anos, nasci e me criei aqui em Laranjeiras.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço “o castelo”.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Ele sempre foi assim desse jeito desde que me conheço por gente, tinha uma vila dentro dele.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Não nunca soube que houve apresentações.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

É sim, se alguém puder recuperar ele.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Gostaria que fosse construído um teatro ou um shopping.

Questionário de Entrevista

Nome Antônia Francisca Aragão.

Idade 52 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Moro há 35 anos em Laranjeiras.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Sim conheço.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Quando conheci já estava daquele jeito e tinha uma vila dentro dele.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Nunca ouvi falar que houve apresentações.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

É importante sim para cidade.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Um teatro mesmo para ser valorizado e para ver os alunos da UFS se apresentado.

Questionário de Entrevista

Nome Noelma Brito santos.

Idade 84 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Moro há 82 anos em Laranjeiras.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço ele só daquele jeito.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Sempre vi ele daquele jeito.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Nunca ouvi falar que houve apresentações.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

É importante sim.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Gostaria que fosse construído um teatro é uma coisa bonita.

Questionário de Entrevista

Nome Maria Aparecida Barreto de Almeida.

Idade 66 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Há 66 anos, nasci aqui.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Sim conheço só não conheci quando ele funcionava.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Já conheci ele do jeito que tá em ruínas.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Nunca ouvi falar que houve apresentações.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Sim, a qualquer momento ele pode ser ativado.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Um cinema porque em Laranjeiras não tem cinema.

Questionário de Entrevista

Nome Maria Josefa de Jesus.

Idade 74 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Moro há mais de 52 anos em Laranjeiras.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço as ruínas.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Só sei ele desse jeito que está.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Nunca ouvi ninguém falar de apresentações, só que ele sempre foi assim desse jeito que conheço.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

É importante, mas é um espaço muito desperdiçado.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Um cinema ou teatro, uma coisa que daria vida a cidade.

Questionário de Entrevista

Nome Gilvanete dos Santos Roque.

Idade 67 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Moro há 58 anos em Laranjeiras.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço fica ao lado da antiga delegacia.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Conheci ele já era aquelas paredes, não existia nem portas mais.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Nunca ouvi falar que teve apresentações, sempre soube que era um casarão abandonado.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

Sim, precisa que alguém olhe por ele, é um valor abandonado.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

Um verdadeiro teatro, já que dizem que foi. Então tem que ser teatro.

Questionário de Entrevista

Nome Josiene Souza Torres.

Idade 70 anos.

1) Há quantos anos o Senhor (a) reside em Laranjeiras?

Há 70 anos, nasci e me criei aqui em Laranjeiras.

2) O Senhor (a) conhece o Teatro São Pedro (ou as Ruínas do Teatro)?

Conheço ele desse jeito.

3) O que o Senhor (a) sabe sobre o Teatro São Pedro?

Já conheci ele em ruínas, mas tinha casinhas dentro dele.

4) O Senhor (a) já ouviu falar se houve apresentações no Teatro São Pedro?

Nunca ouvi ninguém falar que teve apresentações e nem alcancei.

5) O Senhor (a) considera as ruínas do Teatro São Pedro um espaço importante para Cidade?

É importante sim para cidade.

6) O que Senhor (a) gostaria que fosse construído no local das ruínas do Teatro São Pedro?

O próprio teatro, se já foi teatro, então tem que ser teatro mesmo.